

PRÁTICAS DISCURSIVAS CONTEMPORÂNEAS

Corpo, identidade e mídia

Eliza Freitas

Emmanuele Monteiro

José Domingos

Lúcia Helena Medeiros

Regina Baracuhy

Tânia Pereira



3a edição

Práticas discursivas contemporâneas

Corpo, identidade e mídia



Eliza Freitas - Emmanuele Monteiro
José Domingos - Lúcia Helena Medeiros
Regina Baracuhy - Tânia Pereira



Marca de Fantasia
Parahyba - 2022 - 3a edição

Práticas discursivas contemporâneas

Corpo, identidade e mídia

Eliza Freitas - Emmanuele Monteiro - José Domingos
Lúcia Helena Medeiros - Regina Baracuhy - Tânia Pereira

Série Linguagem e discurso, 8. 2022. 3a edição. 84p.



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Conselho editorial

Adriano de León - UFPB	Marcelo Bolshaw - UFRN
Alberto Pessoa - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Edgar Franco - UFG	Marina Magalhães - UFAM
Edgard Guimarães - ITA/SP	Nílton Milanez - UESB
Gazy Andraus - FAV-UFG	Paulo Ramos - UNIFESP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Imagem da capa: pawel-czerwinski-VSu6X0Y986o-unsplash

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.



ISBN: 978-85-7999-094-6

Sumário

5. **Apresentação**
José Domingos
9. **O corpo com deficiência no espaço da sala de aula:
técnicas disciplinares e produção de subjetividade**
Eliza Freitas
25. **“Velho é a vovozinha”: a produção de sentidos
das palavras velho e idoso nos discurso da Veja
e da Folha de S.Paulo**
Emmanuele Monteiro e Regina Baracuhy
40. **Sobrevoos à história da Análise do Discurso**
José Domingos
53. **“Quem tem medo do lobo mau?” Redes de memória
e construção de identidades em releituras
de Chapeuzinho Vermelho no discurso midiático**
Lúcia Helena Medeiros
67. **“Espelho, espelho meu”: a visibilidade do corpo
no discurso publicitário**
Tânia Pereira
82. **Sobre o autor e autoras**

Apresentação

Os textos reunidos neste e-book dão seguimento a nossa publicação anterior *Práticas Discursivas Contemporâneas: corpo, memória e subjetividade*. O discurso enquanto lugar teórico por onde se enredam as importantes questões acerca da língua, da história e do sujeito empreende, através do dispositivo da Análise do Discurso, um conjunto de estreitas relações entre esses três elementos. Esta ideia fulcral agora é retomada nos possibilitando cambiar os eixos temáticos da memória e da subjetividade, respectivamente, por um enfoque mais atento à identidade e à mídia. Agora, como antes, no interior dessas relações, entrecruzam-se diferentes representações inscritas na ordem da linguagem e da história, que acenam para a possibilidade da inserção de novos e diferentes objetos no âmbito dos estudos do discurso.

É neste sentido que os textos que integram este segundo volume, intitulado *Práticas Discursivas Contemporâneas: corpo, identidade e mídia*, lançam um olhar para objetos discursivos às vezes diversos, às vezes concordantes no modo como se dá a ver sua tessitura material, muito embora, sempre dispersos. Contornando todo o mosaico de objetos e temáticas aqui eleitos, os trabalhos ora apresentados estão ancorados teórica e analiticamente no campo de estudo da Análise do Discurso, com ênfase nas formulações de Michel Pêcheux e Michel Foucault.

Os artigos aqui reunidos são oriundos de pesquisas desenvolvidas pelo Círculo de Discussão em Análise do Discurso (CIDADI), cujos pesquisadores integram o Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A Análise do Discurso (AD) desde sua constituição é eminentemente um espaço de interseção com outros campos do saber. Assim, o texto de **Eliza Freitas** mostra como o discurso sobre a inclusão social do corpo com deficiência entra no cenário contemporâneo da AD, quando muito importa ao debate as discursividades do cotidiano. A autora chama a atenção para o modo como a educação caminha para a inclusão de alunos portadores de deficiência, a comumente chamada educação inclusiva.

A discussão toma corpo a partir das questões teóricas que abordam as técnicas disciplinares, os processos de subjetividade e o conceito de Biopolítica que enfatiza a gestão política da vida, através do gerenciamento de programas de valorização da população e como isso vai oportunizar a imersão do corpo deficiente na ordem do discurso da inclusão social.

Pautando-se na ideia de que os discursos midiáticos interferem na produção de sentido de um texto, **Emmanuele Monteiro** e **Regina Baracuhy** mostram como funciona a deriva de sentidos das palavras *velho* e *idoso*, observando seus deslizamentos nos enunciados que circulam na mídia. As autoras ressaltam como os contradiscursos atuam na construção de identidades para a velhice, como sendo outras possibilidades de construções identitárias.

O texto também deixa perceber como os discursos do “politicamente correto” atravessam as identidades para a velhice, de modo que, por estarem ligadas à temporalidade do corpo discursivizado, entendido como representação, as palavras *velho* e *idoso* em nossa cultura adquirem valores e significações sobre o corpo e seu uso.

Na esteira da temática da História e sua relação com a Análise do Discurso, a proposta de **José Domingos** é mover-se pela história da constituição e desenvolvimento da AD de forma descontínua, uma vez

que se existe algo próprio a qualquer campo do saber, este “próprio” é seu caráter de inacabado.

Propondo à leitura um viés mais teórico, este artigo apresenta um breve sobrevoo pelo quadro histórico da Análise do Discurso enquanto campo interdisciplinar. Procurando compreender a Análise do Discurso a partir de sua interdisciplinaridade e que esta condição a torna um campo propício a inquietações: são preocupações que vão desde os aspectos teóricos e metodológicos da AD, até o modo como cada analista se apropria de seus conceitos e método e os faz funcionar de acordo com uma dada filiação político-institucional.

O texto de **Lúcia Helena Medeiros** põe em relevo a questão da produção, circulação e apropriação de modelos identitários pela mídia. Pensando a mídia como este imenso palco por onde desfilam os diversos discursos que instituem a contemporaneidade, este trabalho mostra como pelo deslocamento e a reformulação dos discursos constituem-se os novos sujeitos: fragmentados, dispersos e bastante representados na materialidade dos textos publicitários que retratam muito bem essas identidades e sua liquidez na contemporaneidade.

Desse modo, seu olhar se lança, pois, aos papéis identitários femininos que circulam pela mídia em releituras de contos de fadas a fim de averiguar as condições de produção desses discursos e reconhecer a inscrição desse novo sujeito pelas redes da memória.

Continuando a reflexão acerca da relação da mídia enquanto dispositivo de produção e circulação de identidades, **Tânia Pereira** empreende um olhar analítico nas imagens do corpo belo e saudável buscando refletir acerca da construção do corpo contemporâneo, vinculado a um padrão estético por meio dos interesses da indústria de consumo.

A problematização do corpo como um produto de consumo se dá retomando os contos de fadas enquanto fundadores de discursividades. Por meio de um conjunto de estratégias discursivas, a imagem do corpo feminino é atualizada e ganha novos contornos na espessura histórica da produção e circulação de discurso.

Isto posto, as reflexões propostas neste livro apontam para o corpo, a identidade e a mídia como vias por onde se deslocam os sujeitos no lapso constante de suas práticas discursivas.

José Domingos

O corpo com deficiência no espaço da sala de aula: técnicas disciplinares e produção de subjetividade¹

Eliza Freitas

As práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento. FOUCAULT, 2003.

Pensar a proliferação dos discursos em diferentes suportes requer um trabalho acentuado de como acontece a produção, a seleção e o controle do que pode e deve ser dito. Com isso, a construção de sentido está atrelada às formas de verdade que se materializam nos discursos. Uma dessas questões versa sobre o modo como a educação caminha para a inclusão de alunos com deficiência, que é comumente chamada educação inclusiva.

Essa discussão é constantemente apresentada na mídia e corroborada pelos discursos que estão imersos no cotidiano e visam à inserção de práticas de valorização e respeito às diferenças - regularidade de sentido percebida nesses discursos. Com este enfoque, pretendemos aqui, anali-

1. Discussão apresentada no trabalho: “O discurso da educação inclusiva: corpo feliz e produtivo”, no V Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino – ECLAE.

sar o discurso da educação inclusiva que circula na *Revista Sentidos*, uma produção midiática destinada à inclusão de pessoas com deficiência.

A filiação teórica a que se liga este trabalho, parte dos pressupostos da Análise do Discurso de vertente francesa, que entende o discurso como prática discursiva que constitui diferentes efeitos de sentidos. Parte da interface teórica alicerçada na contribuição da perspectiva foucaultiana para os estudos do discurso. Neste percurso, é pertinente mencionar as formas de controle sobre o corpo em diferentes momentos históricos, para se compreender como o sujeito com deficiência foi tratado em diferentes contextos sociais.

Para fazer a análise da materialidade linguística que nos permite perceber os sentidos do discurso da inclusão a partir do nosso objeto de estudo que é a *Revista Sentidos*, urge discutir as questões teóricas que abordam as técnicas disciplinares, os processos de subjetividade e o conceito de Biopolítica que enfatiza a gestão política da vida, através do gerenciamento de programas de valorização da população.

A educação inclusiva passa a ser um acontecimento que favorece a inserção do sujeito com deficiência, pois a escola, como uma instituição disciplinar, é o lugar privilegiado para a incorporação desse corpo diferente, de forma a torná-lo adaptado ao meio social através de um efeito de igualdade e normalidade, evitando assim, técnicas de exclusão que outrora fora utilizada.

Discurso, poder e corpo: diálogos possíveis

A perspectiva teórica da Análise do Discurso, surge como teoria de investigação que oportuniza uma compreensão do funcionamento da linguagem com foco na construção do sentido. Fato que a afasta das

teorias que se preocupavam com o sentido imanente das palavras, já que defende uma concepção de língua que se pauta na relação com a história, o que favorece a sua opacidade e não-transparência. Interessa, pois, buscar os efeitos de sentidos que são produzidos em articulação com a exterioridade, que age como elemento basilar na análise dos enunciados discursivos.

Interessa perceber as articulações com a obra de Michel Foucault que ofereceu contribuições significativas aos estudos do discurso. Dentre as quais leva-nos a reflexão de que para buscar os sentidos que se camuflam nos discursos deve-se verificar, na ordem do discurso, o caráter de interdição que o perpassa. Assim, a função do analista é construir a rede de enunciados dispersos que está na base do dizível e do não dizível da superfície discursiva, mergulhando no universo dos discursos que produzem “vontades de verdade” para fazer emergir os efeitos de sentidos desses enunciados. Para Foucault (2003, p. 9) “o discurso é esse conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro”.

Percebe-se, então que o fio discursivo é regido por um jogo de estratégias do dizer que comportam dois níveis: o do intradiscurso e o do interdiscurso, que atuam estrategicamente na construção do sentido e revelam certas lutas. Por isso, não se pode deixar de ver o discurso como prática que comporta desejo e poder, e que surge no emaranhado da dispersão dos enunciados. Como afirma Foucault (1999, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Interessa compreender a Análise do Discurso como uma possibilidade de leitura que oportuniza discutir diferentes enunciados, atrelados à noção de poder e saber que perpassam a história do corpo e sofrem transfor-

mações, as quais não passam despercebidas pelas produções discursivas, pois o discurso é manifestação privilegiada do poder e se constitui alicerçado no tripé: poder, direito e verdade. Foucault assim o define:

O discurso é o tesouro inesgotável de onde se podem tirar sempre novas riquezas. [...] ele aparece como um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (FOUCAULT, 2007, p. 136-137).

Assim, não se pode deixar de notar que as relações de poder estão presentes nos discursos e possibilitam perceber a produção de saberes que se espalham cultivando efeitos de verdade para os objetos, sobre os quais o conhecimento é possível e faz caminhar a história, através dessas distintas relações de poder. Isso marca que o conhecimento não brota de uma origem, ele é resultado de condições históricas de lutas e poder. A verdade é então, uma construção, erguida por relações de coerção e produz efeitos de poder que se espalham em técnicas e procedimentos diversos.

Para Foucault (2005, p.19) “o que está em jogo é determinar quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, esses diferentes dispositivos de poder que se exercem em níveis diferentes da sociedade”. É preciso verificar os modos de operação do poder e sua relação com as formas de governo que perpassam a história, para então compreender seus deslocamentos.

Inicialmente reportar-nos-emos ao período que legitimou a verdade no poder soberano, o qual era caracterizado pelo direito de decidir sobre a vida e sobre a morte dos súditos, marcando a época dos grandes suplícios do corpo como pena jurídica. “O suplício penal não corresponde a qualquer punição corporal, é uma produção diferenciada de sofrimentos, um ritual organizado para marcação das vítimas e a manifestação do poder que pune” (FOUCAULT, 2010a, p. 36,). Com isso, o corpo era marcado, condenado, torturado, exposto, supliciado até a morte como forma de punição para os delitos praticados, servindo como manifestação de poder do soberano, indicando a ostentação da verdade e da força.

Novos paradigmas de manifestação dos mecanismos de poder surgem, impulsionados por diferentes acontecimentos que permearam a época clássica. Com isso, há a transição dos efeitos de poder que se voltavam não mais para o castigo através da morte, mas para um “poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las” (FOUCAULT, 2010b, p. 148,). Interessa agora, gerir a vida do corpo social, através de um exercício positivo que marca sua gestão, multiplicação e valorização. É preciso manter o corpo vivo, sadio, adestrado para as atividades exigidas na sociedade. É esse evento que caracteriza a sociedade disciplinar, a qual é marcada pelos efeitos do poder que incide sobre o indivíduo, fato que a diferencia das técnicas atreladas ao biopoder, que tem por alvo o desenvolvimento da vida, da raça, da população.

No entanto, o poder disciplinar e o biopoder são estratégias de governo que incidem sobre a vida, iniciado a partir do século XVII para atender às necessidades da sociedade capitalista. Interessa ao primeiro compreender o corpo como uma máquina que deve ser adestrada, com aptidões e forças, tornando-o dócil através das disciplinas que são

ferramentas anátomo-políticas de controle e produção de sujeitos submissos. Já na perspectiva do biopoder, o que se pretende é o favorecimento do corpo-espécie, ou seja, o corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos (o nascimento e a mortalidade, o nível de saúde, a longevidade, etc.) perpassados por uma bio-política da população (FOUCAULT, 2010b). Assim, constrói-se um efeito de controle e normalização da população, por meio de instrumentos de poder que gerem a vida em nome de uma verdade que promete práticas de bem-estar social, uma vez que a família passa a compor o instrumento de gestão em relação à população, deixando de ser o modelo central defendido outrora.

Esses mecanismos de operação do poder são conquistados pela forma de governo que se efetiva devido à introdução da noção de governamentalidade que passa a configurar os trabalhos foucaultianos, principalmente nas discussões apresentadas nos cursos *Segurança, território e população* e *Nascimento da biopolítica*. Nessa perspectiva, a população aparece como fim e instrumento do governo, sendo um sujeito de necessidades que aspira melhor qualidade de vida. Foucault (2006) discute a governamentalidade como o conjunto formado por táticas, procedimentos, análises e cálculos específicos que permitem exercer essa forma de poder sobre a população, que tem por saber a economia. Além disso, esse tipo de poder que se sobrepõe a todos os outros, desenvolveu uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes. Por isso, deve-se observar que a população é o foco central do governo, ocasionado por saberes que emanam novos jogos de verdade, conforme palavras abaixo:

A expansão demográfica do século XVIII propicia o desenvolvimento de uma ciência de governo e uma concepção diferente da economia, não mais centradas no modelo da família. A estatística, que na soberania somente funcionava no quadro da administração monárquica, tornar-se-á uma ciência de governo fundamental para tal desbloqueio. Essa nova ciência descobre que a população tem fenômenos específicos decorrentes de sua agregação, irreduzíveis àqueles da família. É o caso das regularidades próprias da população, tais como taxas de natalidade, mortalidade, morbidade, endemia, epidemia, trabalho e riqueza (CANDIOTTO, 2010, p. 28).

É pertinente afirmar que as disciplinas não desapareceram em detrimento a essa forma de gestão da população. Elas são necessárias para penetrar no corpo social através das instituições como: a escola, as oficinas, os exércitos, etc., pois o individual passa pelo coletivo e gerir a população não se refere apenas cobrir problemas globais. Além disso, não se trata de sobrepor um regime de mecanismos de poder a outro, deve-se mostrar as translações históricas porque passam a sociedade. Nesse endosso, a história do corpo passa a ser contada através dos procedimentos disciplinares e do biopoder, coadunados na perspectiva política de controle e normalização dos sujeitos. Fato ressaltado na afirmação abaixo:

Para aqueles que, como eu, interrogam o devir contemporâneo do corpo e as formas de assujeitamento que agem sobre ele, a noção de 'biopoder' constitui uma intuição muito produtiva quanto à análise das novas forças que, nos limites do direito, da medicina, do genético e do político têm por alvo o corpo individual (COURTINE, 2010, p. 28).

É nesse sentido que o discurso da inclusão social do sujeito com deficiência entra no cenário de discursividades, como forma de mostrar os deslocamentos sofridos em sua gestão. Assim, o que se pode ser dito sofre pressões das relações de poder e saber que foram constituídas ao longo da história. É sobre essas questões que trataremos a seguir.

Corpo com deficiência e educação inclusiva

Propor uma discussão sobre o corpo com deficiência requer um olhar para as práticas discursivas que fundamentam e legitimam os dizeres sobre a educação inclusiva, que também é regulada e controlada por relações de poder-saber que emanam de diferentes lugares e ecoam nas instituições escolares. Nelas se pode perceber a implantação de técnicas disciplinares que orientam o poder-fazer docente na inclusão de um corpo que historicamente passou por processos de exclusão e segregação. Com isso, criam-se processos de subjetividade para os sujeitos professor e aluno agregado aos efeitos de sentidos que emanam dos discursos.

Nesse percurso, não se pode deixar de mencionar os diferentes processos de exclusão sofridos ao longo da história. Os sujeitos com deficiência eram abandonados, perseguidos, e muitas vezes levados à morte por causa de suas condições físicas e ou mentais que não estavam dentro dos padrões de normalidade.

Apenas para exemplificar alguma dessas formas de exclusão, ressaltase que na Grécia já se aplicava tratamento excludente ao deficiente. Segundo Gugel (2008) Platão e Aristóteles, em seus livros *A república* e *A política*, ao tratarem do planejamento das cidades gregas orientaram que as pessoas nascidas ‘disformes’ deveriam ser eliminadas, através de exposição, abandono ou atiradas do aprisco de uma cadeia de mon-

tanhas chamada Taygetos. Essa eliminação do indivíduo deficiente era sentida também na cidade de Esparta, pois os gregos se dedicavam à arte da guerra e nesse ambiente de constantes invasões bárbaras, só os fortes eram considerados para servir ao exército.

Além dessas, é preciso mencionar a ideia de corpo anormal, por estar considerado fora dos padrões de normalidade estabelecido pelos saberes da época, promovido pelo saber médico-jurídico. Agregada a essa questão, destaca-se a noção de monstro como forma de caracterizar o corpo com deficiência, pois “o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza” (FOUCAULT, 2002, p. 69).

Diante dessa visão, percebe-se que esse corpo era considerado monstruoso por fugir às formas padronizadas socialmente de corpo normal, seja por violar as leis sociais ou as leis da natureza. No entanto, a história caminha e faz surgir novos movimentos, no qual aparecem as primeiras tentativas de educar o corpo com deficiência, pois, de acordo com Mendes (1995, *apud* MIRANDA, 2004) o movimento filosófico, surgido após a Revolução Francesa, trouxe a ideia de defesa das possibilidades ilimitadas do indivíduo e a crença de que a educação poderia fazer uma diferença significativa no desenvolvimento e na vida das pessoas. Com isso, o conceito de educabilidade do potencial do ser humano teve uma influência direta na educação das pessoas que apresentavam deficiência mental.

Nova discussão é sentida na primeira metade do século XIX quando predominava a teoria de Esquirol para quem o idiota não era mais que um monstro que vegeta, pois não era capaz de produzir linguagem, por isso impossível de ser educado. No entanto, surgem perspectivas

contrárias à dominante, que abrem espaço para a discussão da educabilidade do idiota com Belhommem, Voisin e Séguin. Este último criou um método que visava ao ensino físico, moral e intelectual dos idiotas, a partir do estímulo do cérebro por meio de atividades físicas e sensoriais (LOBO, 2008).

Isso favoreceu ao que diz Lobo (2008, p. 364) “não foi a criança louca, mas a idiota que deu origem à psiquiatrização da infância pela constituição de um saber médico-pedagógico e sua extensão nas práticas de escolarização”. Dessa forma, observa-se o entrecruzar de diferentes poderes na construção do saber sobre a idiotia: o saber médico mistura-se ao pedagógico em busca da recuperação do idiota. É oportuno lembrar as palavras de Neves (*apud* LOBO 2008, p. 367):

Estabelecendo-se uma escola elementar completa no hospício dos alienados, dividindo-se os doentes em diferentes para dar a cada um a instrução apropriada à sua capacidade de um lado; e à natureza de sua moléstia do outro e fazendo por meio dessa instrução com que os alienados adquiram amor ao trabalho físico, se conseguirá fazer todos estes doentes ao mesmo tempo mais felizes e mais úteis a si mesmos.

É possível notar que a educação aparece nesse fragmento como uma tentativa de domesticar o corpo com deficiência, através do sentido felicidade e utilidade, fato que evidencia a subjetividade do sujeito ligada à produtividade dos corpos. Com isso, verifica-se que a institucionalização da psiquiatria favorece ao saber que estimula e proporciona uma nova relação de poder e saber atrelado à escola como instituição disciplinar capaz de convencer através de um projeto médico-pedagógico que a escola é capaz de transformar o corpo que antes era considerado anormal em normal. Esse processo é garantido através da implantação de técni-

cas disciplinares que atravessam a escola em busca dessa normalização do corpo, legitimado por uma gestão do poder sobre a vida, conforme discutido no tópico anterior.

Com isso, a ideia de educação inclusiva passa a vigorar e legitimar os discursos pedagógicos, apoiados no saber jurídico que impõe a obrigatoriedade da escola em incluir os alunos com deficiência. Resta-nos debruçarmos sobre como esse discurso da inclusão é materializado em instituições midiáticas e que efeitos de sentidos eles produzem. Para tanto vamos nos reportar ao discurso da Revista Sentidos².

Disciplina e subjetividade: Os sentidos na *Revista Sentidos*

Uma investigação dos processos discursivos inclui perceber o discurso como prática, alicerçado em acontecimentos que se misturam e se transformam em efeitos de memória, produzindo uma irrupção de enunciados que circulam em diferentes esferas sociais e promovem a produção de saber e estimula relações de poder.

Para análise, selecionamos da revista *Sentidos*, a coluna *Educação*, que como o próprio nome já sugere, trata-se de matéria relacionada à educação inclusiva. Vale ressaltar que a matéria em análise aborda as ações desenvolvidas pela professora para a inclusão de uma aluna de 7 anos que tem paralisia cerebral.

Começando pela análise do título *Fazer ou não fazer? Eis a questão* remete a um efeito de memória que retoma o interdiscurso da literatura (ser ou não ser? Eis a questão) numa mescla de vozes que ressoam de

2. A *Revista Sentidos* é uma publicação bimestral da Editora Escala. É especializada na discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência. Selecionamos para este trabalho a edição nº 62, ano 10, publicada em janeiro de 2011.

outros lugares para fazer sentido no que está sendo dito no intradiscurso. Percebemos nesse intradiscurso que o efeito de sentido é criado pela relação com os dizeres anteriores para gerar um efeito de dúvida, de incerteza quanto à atitude do professor em relação ao aluno com deficiência. Ao evidenciar o *fazer ou não fazer* está em jogo a relação professor-aluno, como reforça o subtítulo da matéria: *Professora revela iniciativas que ajudaram na inclusão de aluna com deficiência na sala de aula.*

Nessa ordem discursiva, percebe-se a referência às estratégias metodológicas que podem ser usadas pela professora, o que vem a corroborar as técnicas disciplinares utilizadas em seu método de ensino. O sentido produzido pelo verbo revelar provoca um efeito de que o processo de ensino não é dos mais simples, pois há algo a ser revelado, a ser descoberto, como se houvesse uma fórmula secreta. Essa fórmula pode ser considerada como as técnicas disciplinares utilizadas para adestrar o corpo ao convívio social, tendo em vista que como afirma Foucault (2010a, p. 164), “o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’”.

O *fazer ou não fazer* refere-se às atividades cotidianas que a aluna com deficiência precisa realizar, ficando então a dúvida se a professora realiza ou não por ela, envolvendo uma mistura de saberes que remetem ao campo da medicina e da educação. Essa dúvida surge devido aos sentidos históricos que se criam em torno do sujeito com deficiência, como aquele que é inválido, incapaz de realizar as mais simples atividades do cotidiano. Para romper com isso, a professora afirma que: *Eu não faço o que ela tem capacidade para fazer sozinha. [...] Não se pode criar uma redoma em qualquer criança. Essa atitude em vez de ajudar, acaba limitando seu desenvolvimento.* Assim, percebe-se que uma das técnicas usadas é estimular a independência desse sujeito, como prova no trecho:

Até mesmo quando a aluna queria ir ao banheiro, sempre foi estimulada a fazer sua própria higienização. O único auxílio era o apoio de outra criança para chegar até o sanitário. Nem nas aulas de educação física ela foi deixada de lado. O efeito de sentido provocado pela palavra nem sugere uma limitação enfrentada na escola para a inclusão dos alunos portadores de deficiência nas aulas de educação física, tendo em vista a necessidade de expressão corporal que é exigida durante as aulas.

O discurso da professora produz um efeito de sentido que sugere igualdade entre os alunos, reforçado nos dizeres: *como faço com qualquer criança, pedi para que ela fizesse um desenho sobre a família* - fato que oportuniza dialogar com outras materialidades que falam sobre inclusão, construindo a ideia de que ser diferente é normal, criando um efeito de normalidade para o sujeito.

Outra estratégia foi utilizada para superar as dificuldades da aluna em sua locomoção, pois devido à deficiência ela não conseguia caminhar sozinha, fato resolvido com a ajuda de um andador. Também a aluna não conseguia manusear os materiais escolares nem manter o equilíbrio do tronco. Essas dificuldades não foram motivos para anular o processo de aprendizagem, pois segundo a professora: *como ela deixava cair o lápis e o giz de cera, enrolamos esses materiais com borracha de EVA. Consequentemente, os objetos ficaram mais fáceis para manusear. Ao mesmo tempo, ela gostou porque deixou o material mais gostoso na hora de usar.* Em relação à dificuldade de equilibrar o tronco e garantir a postura da aluna, *a professora usou uma blusa para fixar a garota na cadeira e, com isso, ela passou a se sentar melhor. Atualmente Adrielle não usa mais esse recurso, pois ganhou uma cadeira especial. É interessante notar que, práticas como essas lembram, embora com objetivos diferen-*

tes, as técnicas utilizadas em manicômios através do uso de camisa de força que geravam exclusão e aprisionamento.

Nesse percurso vale lembrar que “a disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objeto e como instrumento de seu exercício” (FOUCAULT, 2010a, p. 164). Assim, notamos como as técnicas disciplinares usadas na educação inclusiva, no discurso em pauta, revelam as manobras do poder que se exerce nas instituições.

No entanto, essas técnicas utilizadas pela professora reforçam que o professor deve garantir não apenas o ensino das letras, mas toda uma metodologia que favoreça a inclusão do aluno com deficiência. Quando isso acontece, conforme podemos notar na análise do discurso da revista, a professora sente-se gratificada por oportunizar a aprendizagem da aluna através do seu processo de alfabetização, como podemos notar através da fala da professora: é uma conquista a cada dia. O progresso é uma recompensa tanto para mim quanto para ela. Produz-se aqui um efeito de sentido que coloca a professora na posição de heroína, aquela que pode salvar, ajudar, socorrer os mais fracos, construindo sua subjetividade atrelada a esses dizeres.

É oportuno observar que essa inclusão promove a ideia de corpo feliz e produtivo, pois através das técnicas disciplinares utilizadas o sujeito com deficiência conquista um lugar entre os ditos “normais”, no processo de gestão da vida, por meio de uma pedagogia higiênica desse corpo. É preciso corrigi-lo, adestrá-lo ao convívio social.

A revista como uma instituição midiática, que passa pela ordem do controle discursivo, seleciona o que vai ser dito nessa formação discursiva e opera com estratégias de sucesso no tocante à educação inclusiva. Fato corroborado pelos enunciados discursivos verbais e pelas

fotos que são colocadas. No início, alunos sorridentes na sala de aula; na página seguinte, a foto em destaque da professora, com a legenda de uma das técnicas utilizadas por ela. Isso mostra a estratégia discursiva da revista em promover um efeito de superação e felicidade para o sujeito com deficiência e reforça o sentido de autoajuda que perpassa seu discurso.

Assim, tanto a escola quanto a revista são instituições disciplinares que se apoiam nos mecanismos de poder que buscam fabricar corpos dóceis, estimulados para tornarem-se produtivos. Nesse jogo de poder, os sujeitos constroem modos de subjetividade atrelados à percepção de suas capacidades, tanto o professor que transforma o corpo com deficiência e prepara-o para a cidadania, quanto o próprio sujeito com deficiência que se vê capaz de atuar na vida em sociedade. Isso se justifica pelo fato de que “a disciplina não é simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente” (FOUCAULT, 2010a, p. 158).

Nesse percurso analítico, observou-se que o processo de subjetividade do sujeito professor e o sujeito aluno é perpassado pelas técnicas disciplinares, utilizadas no contexto escolar que promovem a inclusão do aluno com deficiência. Dessa forma, a professora apresenta-se como um sujeito feliz e comprometido com o seu trabalho e a aluna feliz por estar inserida em uma sala de aula de alunos ditos “normais”, construindo o efeito de sentido de corpo feliz e produtivo. Assim, a construção desse discurso está atrelada a relações de poder e de saber que compõem o arquivo do que pode ser dito sobre a educação inclusiva nessa materialidade midiática.

Referências

- CANDIOTTO, Cesar. *A governamentalidade política no pensamento de Foucault*. Revista Filosofia Unisinos 11(1):33-43, jan/abr 2010. Disponível em <http://www.revistafilosofia.unisinos.br/pdf/169.pdf> Acesso em 15 maio 2011.
- COURTINE, Jean-Jacques. Discurso, história e arqueologia. In: NILTON, Milanez, GASPAR, Nádea (orgs). *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau editora, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes: 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A governamentalidade*. In: *Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010b.
- GUGEL, Maria Aparecida. *A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade*. 2008. Disponível em: <http://www.ampid.org.br/Artigos.php> Acesso em: 20 ago. 2011.
- LOBO, Lilian Ferreira. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. *História, deficiência e educação especial*. Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista> Acesso em: 15 jun. 2011.
- REVISTA SENTIDOS. Editora Escala, Ano 10 Nº 62, jan. 2011.

“Velho é a vovozinha”

A produção de sentidos das palavras velho e idoso nos discurso da Veja e da Folha de S.Paulo

Emmanuele Monteiro
Regina Baracuhy

Introdução

Falar em velhice, na atualidade, principalmente tendo em vista os discursos jornalísticos sobre essa etapa da vida, é pensar também na significação dos termos relacionados a ela. Assim, o objetivo desse trabalho é discutir os efeitos de sentidos decorrentes dos usos dos vocábulos *velho* e *idoso* e seus deslizamentos nos enunciados que circulam na mídia, ressaltando como os contradiscursos atuam na construção de identidades para a velhice, como sendo outras possibilidades de construções identitárias, além de tentar verificar como os discursos do “politicamente correto” atravessam as identidades para a velhice.

Vale salientar que a noção de corpo com a qual trabalhamos diz respeito à noção de corpo discursivizado, o corpo enquanto representação. De acordo com Milanez (2009, p.215) “o que inicialmente identificamos como corpo, podemos compreendê-lo não somente como uma simples prática corporal e objetivante, mas como prática discursiva”.

Para tanto, situamos esse trabalho dentro do arcabouço teórico da Análise do Discurso Francesa, que fornece as ferramentas necessárias para compreender o enunciado levando em consideração o momento e a forma como ele aparece, verificando os fenômenos que determinam o seu surgimento em detrimento de outros, delimitando seu espaço, observando suas possíveis articulações com os outros enunciados e quais as outras maneiras de enunciação que determinado enunciado silencia.

Para a AD, todo discurso está diretamente vinculado às suas condições de produção e à história, assim os sujeitos e os discursos são afetados por uma “exterioridade constitutiva” (FERREIRA, 2002), ou seja, o social e o histórico são indissociáveis do linguístico, pois os dois primeiros são elementos constitutivos do terceiro. Dessa forma, é preciso observar que a construção do sentido faz parte da relação entre o histórico e o ideológico. E, por isso, é possível constatar que essa indissociabilidade entre o social, o histórico, o ideológico e o linguístico, interfere na produção das identidades.

Nas últimas duas décadas, em virtude dos avanços da Medicina e da melhoria da qualidade de vida, podemos observar o surgimento de múltiplas identidades para as pessoas com mais de sessenta anos. Dessa forma, nosso *corpus* é composto por duas matérias publicadas na seção *Trainee* do jornal *Folha de S. Paulo* em 1998; por uma matéria intitulada “A hora é agora” publicada na revista *Veja* em janeiro de 2009 e “O balanço do vovô”, matéria publicada em fevereiro de 2009, nessa mesma revista. Escolhemos como *corpus* o gênero matéria jornalística, por este lidar com as esferas sociais do cotidiano. E optamos por suportes distintos, para investigar se há alguma diferença na produção de sentidos entre as matérias divulgadas no jornal e na revista.

Por estarem ligadas à temporalidade do corpo discursivizado, entendido como representação, as palavras *velho* e *idoso* em nossa cultura adquirem valores e significações sobre o corpo e seu uso. Por isso dividimos esse trabalho em duas seções: na primeira, faremos um breve percurso teórico, na segunda, discutiremos, a partir de nosso *corpus*, a produção dos sentidos dos vocábulos supracitados e seus deslizamentos.

Enunciado, discurso e memória: fundamentando questões sobre o corpo velho

Para pensarmos o funcionamento da produção de sentidos, é necessário definirmos o conceito de enunciado, pois ele é a unidade básica de análise da Análise do Discurso. Assim, tomamos como base as ideias do filósofo francês Michel Foucault, pois partimos da relação existente entre o corpo velho discursizado e a rede de poderes e saberes que tentam torná-lo cada vez mais produtivo e longo.

Dessa forma, ao tomarmos o enunciado retirado da página 83 da revista *Veja*, publicada em 07/01/2009, “Eles já passaram dos 65, mas continuam ativos, saudáveis e bem dispostos. São os idosos jovens.”, devemos levar em consideração o momento e a forma como ele aparece (dentro de uma seção especial sobre longevidade e saúde), para verificar os fenômenos que determinam o seu surgimento em detrimento de outros, observar suas possíveis articulações com os outros enunciados, quais outras maneiras de enunciação determinado enunciado silencia e que posição ocupa o sujeito enunciativo. Foucault (1972, p. 120) afirma que:

(...) não basta qualquer realização material de elementos lingüísticos, ou qualquer emergência de signos no tempo e no espaço, para que um enunciado apareça e passe a exis-

tir... Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.

Para Foucault, o enunciado não é em si mesmo uma unidade, mas uma função que cruza um domínio de estrutura de unidades possíveis e que as faz aparecer, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. Assim, o enunciado para o filósofo (1972, p.108) é

... uma função de existência que pertence, em particular, aos signos, e a partir dos quais pode-se decidir em seguida, pela análise ou pela intuição, se fazem sentido ou não, segundo que regras se sucedem ou se justapõem, de que são signo, e que espécie de ato se encontra efetivado por sua formulação (oral ou escrita).

Assim, entender o enunciado traz como consequência, tornar explícito o exercício dessa função pertencente à relação do sujeito com o enunciado. “O sujeito do enunciado é uma função determinada, mas que não é forçosamente a mesma de um enunciado a outro” (FOUCAULT, 1972, p. 117), pois existe um lugar, uma instância produtora, que pode ser ocupada por diferentes posições-sujeito em uma série de enunciados.

Portanto, a análise enunciativa que desenvolveremos investigará em que condições o idoso, enquanto construção linguístico-discursiva, exerce a função sujeito, historicamente inscrita, servindo de “lugar” onde enunciados como “Renascidos das cinzas. Como veteranos esquecidos ganharam nova vida no pop.”, “O idoso tem mais êxito no suicídio.”, “O balanço do vovô.” (Veja, 2009, p.102) devam ser analisados.

Para Foucault, o conceito de discurso pressupõe a ideia de prática discursiva em que circulam e emergem os enunciados. Michel Foucault (1972, p. 146-147) define discurso como

um conjunto de enunciados, na medida em que provêm da mesma formação discursiva; [...] é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. [...] é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, colocando o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade [...].

Assim, os discursos sobre a velhice são formados por enunciados que circulam principalmente na mídia, esses enunciados, por serem históricos, trazem consigo vestígios de significações anteriores. É a repetição incessante desses vestígios de significação enunciativa que constituem os traços identitários da velhice, enquanto discurso.

Para a análise enunciativa, é de fundamental importância o estudo das formações discursivas em que se inserem os sujeitos e, conseqüentemente, os enunciados, pois estes só podem ser analisados a partir “de um sistema limitado de presenças” (FOUCAULT, 1972, p. 149) determinado pela FD - Formação Discursiva. Por isso, em toda sociedade, os processos de produção do discurso são controlados e selecionados, com o fim de controlar os acontecimentos. Assim, os enunciados produzidos pelo sujeito precisam estar no “verdadeiro da época”, para que possam ter credibilidade e obedecerem a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc.

Pensando os enunciados como formas de repartição e sistemas de dispersão, Foucault constrói o conceito de formação discursiva (1972, p.51):

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se poderia definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Dessa forma, todos os enunciados dos/sobre os idosos ou sobre o envelhecimento estão inseridos em uma formação discursiva, que, por sua vez, está atravessada por uma série de outras formações discursivas. Como por exemplo, o subtítulo da matéria “O balanço do vovô” publicada na revista *Veja* (p.102, 2009) – “O maestro Burt Bacharach, que vem ao Brasil em abril, é a prova que um ídolo pop pode chegar aos 80 tinindo.”, que faz parte da formação discursiva de que a maioria dos ídolos pop deixam de fazer sucesso ou morrem jovens. Por isso o uso da forma verbal *pode*, indicando um “estado” de exceção ao ser um ídolo pop aos 80. Ou ainda, as formações discursivas relacionadas à Medicina e à prática de esportes, que propõem esses caminhos para o idoso como forma de se manter vivo e saudável por mais tempo.

Em virtude de sua historicidade, esses enunciados estão associados ao campo da memória. Dessa forma, o enunciado é sempre capaz de tornar-se outro e de produzir novas identidades para si. Citando Gregolin (2004, p. 31): “enunciados agenciam a memória, constroem a história, projetam-se do passado ao futuro”.

Com base nos procedimentos adotados por Michel Pêcheux, é possível apontar alguns mecanismos que possibilitam ao leitor a apropriação dos discursos sobre a velhice e a construção de sentidos sobre as palavras *velho* e *idoso* nas materialidades verbal e não-verbal.

Um desses procedimentos adotados por Pêcheux é o da memória social como veículo para a interpretação da imagem. Nesse caso, “a memória deve ser entendida a partir dos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 1999, p. 50), ou seja, é a partir da memória mítica, relacionada aos mitos e arquétipos (narrativas universais, procurando resolver questões essenciais e existenciais para o homem), que as imagens se cristalizam, passando a fazer parte da memória social, onde são guardados todos os discursos que circularam e circulam na sociedade, como os contos de fadas, especialmente *Chapeuzinho Vermelho e sua vovó “velhinha”*.

Esses discursos são organizados de acordo com os enunciados recorrentes no contexto enunciativo e a partir da construção da memória de que se ocupa o historiador, podendo este, constituir uma memória através da descrição evolutiva dos fatos ou através do acontecimento enquanto ruptura.

Dessa forma, ao se propor para o corpo velho uma construção identitária divergente da imagem cristalizada na memória social, são criadas outras práticas discursivas relativas à velhice que acabam constituindo um arcabouço discursivo sobre o que é ser velho na atualidade. Assim, ao se propor um corpo longo e produtivo por mais tempo, cria-se a necessidade de consumo de produtos que garantam essa “juventude artificial”, pois esses sujeitos que passaram dos 60 anos são compelidos a fazerem parte da verdade de nossa época, sob pena de ter seu discurso descredibilizado.

Velho e idoso: outros efeitos de sentido?

Houve uma época, em determinadas sociedades, em que ser “velho” dava ao sujeito força de autoridade, mas o que era ser velho quando a expectativa de vida não chegava aos 40 anos? O que é ser velho hoje, com a expectativa de vida superando os 70 anos e com todo o avanço da Medicina e da Cosmetologia?

Empiricamente, a idade cronológica funciona como um divisor de águas quando se está em jogo a posição em que o sujeito ocupa em nossa sociedade, porém discursivamente ser *idoso* ou ser *velho*, enquanto construção linguística, é muito mais uma questão de pertencimento a esse “lugar” do que uma questão de idade cronológica. Dessa forma, há de se obedecer a uma certa “ordem do discurso” (FOUCAULT, 1999^a) para que a palavra do sujeito que passou dos sessenta tenha força de verdade.

Dessa forma, ao compararmos os seguintes enunciados: “A hora é agora. Eles já passaram dos 65, mas continuam ativos, saudáveis e bem dispostos. São os idosos jovens” (*Veja*, ago. 2009, p. 83) e “A velhice é uma doença sem alta” (*Folha de S.Paulo*, jan. 1998), observamos que estes enunciados, apesar de uma aparente oposição, fazem parte de uma mesma formação social em que a discursivização de ser velho ou ser chamado de velho é compreendida de forma pejorativa, desqualificadora e ou descredibilizadora do discurso dos sujeitos maiores de sessenta anos. Isso ocorre como consequência de uma memória cristalizada do que é ser velho. Por isso, é considerado “politicamente incorreto” chamar alguém com mais de sessenta anos de *velho*, favorecendo assim, o silenciamento dessa palavra.

“Eles já passaram dos 65”, portanto são velhos, mas não se usa esta palavra, porque é socialmente inadequado chamar alguém de velho. É menos desqualificador, independentemente da idade cronológica, ser enquadrado como idoso? Se a resposta for positiva, então por que a necessidade da expressão “idosos jovens”? O fato é o apagamento do vocábulo “velho” e a associação do termo “idoso” à palavra “jovem” são fruto de uma memória em que a velhice é vista como doença, em virtude da improdutividade e inatividade dos sujeitos nessa faixa etária. Mesmo no primeiro enunciado (“Eles já passaram dos 65, mas continuam ativos, saudáveis e bem dispostos. São os idosos jovens”), que está associado a uma imagem de felicidade, a conjunção adversativa “mas” ressalta que ser ativo, saudável e bem disposto depois dos 65 anos não é algo natural, é algo que precisa ser construído. Dessa forma, os vocábulos *velho* e *idoso* não alteram as posições que os sujeitos maiores de 60 anos ocupam na sociedade, pois essa imagem cristalizada da velhice continua circulando na memória social.

E isso é feito através de uma *biopolítica* que atua através na aplicação de biopoderes locais e se ocupa, em suma, da falta de capacidade produtiva e da inatividade dos sujeitos, seja devido à velhice ou às doenças, ou por qualquer “conjunto de fenômenos [...] que acarretam também consequências análogas de incapacidade, de por indivíduos fora de circuito, de neutralização” (FOUCAULT, 2002, p. 291), na proporção em que esses fenômenos se tornam preocupações políticas. Como por exemplo, as campanhas que incentivam o uso de preservativos pelos idosos, devido ao aumento de caso de AIDS nessa faixa etária.

Essa biopolítica afeta os sujeitos através de *biopoderes*, que possuem duas formas principais que se interrelacionam: *a anátomo-política do corpo humano*, cujo foco é o corpo como máquina, na sua

disciplinarização, na ampliação das aptidões físicas com o objetivo de aumentar sua produtividade. Por isso, fez necessário investir na saúde do indivíduo, pois da saúde dele depende sua produtividade.

O segundo tipo de biopoder tem como foco *o corpo em espécie*. Esse segundo tipo tem como procedimentos as políticas sociais relativas à natalidade e à mortalidade associadas ao aumento da longevidade, do culto ao corpo saudável, incluindo práticas esportivas e o estímulo, principalmente da mídia, à busca de técnicas médicas de rejuvenescimento, por exemplo, as cirurgias plásticas e os procedimentos médicos/cosméticos que extinguem ou minimizam os sinais da idade. Dessa forma, as disciplinas do corpo e uma biopolítica da população formam os dois centros sobre os quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida.

O mesmo acontece com os seguintes enunciados: “O balanço do vovô. Renascidos das cinzas. Como veteranos esquecidos ganharam nova vida no pop.” (revista *Veja*) e “Diagnóstico de depressão e distímia, comuns na terceira idade, não é feito devido à noção de velhice como fase de tristeza.” (jornal *Folha de S. Paulo*); em que a alegria de viver aparece como algo a ser “resgatado”, mas que não é próprio da idade. Há uma hierarquização na significação das palavras referentes aos sujeitos maiores de sessenta anos: vovô, veterano, terceira idade e velhice, em que “velhice” é o termo que mais se distancia do que a biopolítica propõe. Assim, o uso dos termos vai depender da relação sujeito/capacidade produtiva e atividade sexual, uma vez que o “vovô” faz todos balançarem com sua música.

Considerações finais

Iniciamos esse trabalho com a proposta de verificar como funciona produção e circulação de sentidos das palavras *velho* e *idoso*, observando fatores como a influência ou não do “politicamente correto” na significação dessas palavras no discurso midiático/jornalístico que circula no jornal *Folha de S.Paulo* e na revista *Veja*.

No decorrer de nossas análises, verificamos que na produção de sentidos em relação aos vocábulos *velho* e *idoso*, privilegia-se o uso da palavra *idoso* em detrimento da palavra *velho*, em decorrência da rejeição às particularidades do corpo velho, consideradas negativas e devido aos discursos do “politicamente correto” que elegeram o vocábulo *idoso* como uma das formas mais adequadas de nos referirmos a um sujeito maior de sessenta anos.

Para não se enquadrar na construção identitária “velho”, é preciso manter-se jovial e produtivo, na medida do (im)possível, é preciso cuidar do corpo através da prática esportiva, da cosmética, de tecnologias médicas preventivas e de tantos outros mecanismos de manutenção da vida e da beleza que demandam o consumo de bens, mercadorias e serviços que têm essa finalidade.

Dessa maneira, os idosos, economicamente desfavorecidos, sofrem um processo de segregação e hierarquização social, em função da “articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro” (FOUCAULT, 1999b, p. 133), pois quando há pouco ou nenhum acesso às tecnologias médicas e cosméticas, quando as possibilidades de consumo são reduzidas, há uma maior chance desse sujeito maior de sessenta ser relacionado às

particularidades negativas do corpo velho. Portanto para não ser excluído, o idoso deve se esforçar ao máximo para poder continuar sendo importante para o mercado seja através de sua produtividade e/ou através de sua capacidade de consumo.

Referências

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 285-315.

_____. *A ordem do discurso*. 5ed. São Paulo: Edições Loyola. 1999a.

_____. *História da sexualidade (vol. 1): a vontade de saber*. 13ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

_____. *A arqueologia do saber*. 3ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1972.

G1. *Relatório mostra aumento de casos de AIDS entre idosos*. Acessado em: 01/06/2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/o,,AA1357815-5598,00.html>

GADET, F. & HAK,T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O enunciado e o arquivo: Foucault entre(vistas). In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (orgs.). *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004, p. 23-44.

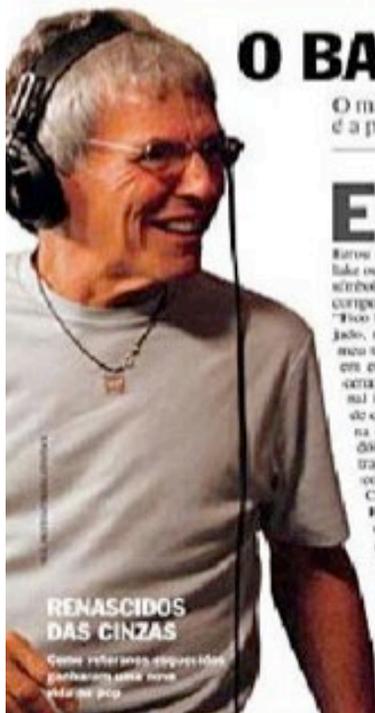
_____. (org.). *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003a.

_____. (org.). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. 2ed. São Carlos, SP: Clara Luz, 2003b.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

O BALANÇO DO VOVÔ

O maestro Burt Bacharach, que vem ao Brasil em abril, é a prova de que um ídolo pop pode chegar aos 80 tímido



RENASCIDOS DAS CINZAS

Como referências esquecidas, ganharam uma nova vida no pop

SÉRGIO MANTOVANI

Em abril, um dos músicos mais sexy dos Estados Unidos — segundo a revista de celebridades *People* — desce para o Brasil. Etrus quem pensou em Burt Bacharach ou qualquer outro garotão do pop. O sítio sexual em quarto é o maestro e compositor Burt Bacharach, de 80 anos. “Fico inseguro ao saber que sou desejado, mas prefiro ser reconhecido pelo meu talento musical”, disse Bacharach em entrevista à *VEJA*. (Para jogar de outra: numa reportagem recente do jornal inglês *The Times*, ele fez questão de conversar com o repórter na piscina de sua mansão de 8 milhões de dólares, besuntado de protetor solar e trajando uma sunga climática.) O compositor vai se apresentar em Curitiba, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. O repertório dos shows será calado no disco *Live at The Sydney Opera House*, lançado no fim de 2008.

Bacharach tem formação clássica. Foi aluno do compositor francês Darius Milhaud na década de 40. “Milhaud me ensinou duas coisas: não se atropela de criar melodias que as pessoas possam assimilar e apreciar a semântica mexicana”.

na”, diz ele. Melodista de primeira categoria, Bacharach dominou a parada americana na década de 60 com sucessos como *I Say a Little Prayer*, *Butt in By* e *The Look of Love* (as duas últimas, interpretadas por Dionne Warwick), entre, contada magistralmente pela inglesa Dusty Springfield. Começou a produzir música na segunda metade dos anos 70 e nas décadas seguintes criou símbolos de música para elevadores e salas de espera. Sua obsessão pelo flugelhorn, um instrumento de sopro que marca presença em 90% dos seus arranjos, só acinçava a anta de artista ultrapassado. Em 1997, contudo, Bacharach foi tirado desse limbo. Cruzou a linha que separa o calafrio do cult. Apareceu na comédia *Austin Powers* e suas canções embalarão *O Casamento do Meu Melhor Amigo*, estrelado por Julia Roberts. No ano seguinte, anteu-se ao coquetico inglês Elvis Costello para lançar o disco *Painted from Memory*. Desde então, seu trabalho foi revisitado por rixaritos de várias vertentes — de Noel Gallagher, do Oasis, ao duo The White Stripes. “Esses músicos mostraram que as boas canções não envelhecem”, diz Bacharach, que geralmente compõe com outro “insólito” (só o seu pélo de viciado Brian Wilson, dos lendários Beach Boys, hoje com 66 anos).

Fotografia: como o de Bacharach são

BURT BACHARACH (89 anos)

Por que ninguém se lembra dele: suas composições, em sua maioria, são consideradas o suprimento da música — a música patrocinada para quem em dinheiro

A redescoberta: o disco *Painted from Memory* (1998), gravado ao lado de Elvis Costello, afirmou a importância de Bacharach como melodista e compositor

O que aconteceu depois: passou a ser gravado por artistas da nova geração, como Noel Gallagher e o duo The White Stripes.

ROY ORBISON (1930-1988)

Por que ninguém se lembra dele: pioneiro do rock, com o tempo ganhou reputação de calafos por causa de seu romantismo exacerbado

A redescoberta: em 1986, o cineasta David Lynch o tirou do limbo ao utilizar a canção *In Dreams* no filme *Veludo Azul*

O que aconteceu depois: recebeu o respeito, formando um grupo com gente como George Harrison e Bob Dylan e gravando ao lado de Bruce Springsteen

JOHNNY CASH (1932-2002)

Por que ninguém se lembra dele: sua fama não se saiu do círculo da música country

A redescoberta: em 1993, a U2 o recrutou para cantar uma faixa de *CD Zooropa*, no ano seguinte, o produtor Rick Rubin iniciou uma série de discos com Cash

O que aconteceu depois: virou um ícone dos artistas de rock alternativo e ganhou uma cinebiografia estrelada por Joaquin Phoenix



Figura 2. *Veja* 25/02/2009. Disponível no acervo digital da revista *Veja*

*Diagnóstico de
depressão e de
distimia,
comuns na
terceira idade,
não é feito
devido à noção
da velhice como
fase de tristeza*

Figura 3. *Folha de S.Paulo*, 03 de maio de 1998. Disponível no acervo digital do jornal *Folha de S.Paulo*

*“A velhice é uma
doença sem alta”*

Pediatra diz que se acovardou com a idade

Figura 4. *Folha de S.Paulo*, 1998. Disponível no acervo digital do jornal *Folha de S.Paulo*

Sobrevoos à história da Análise do Discurso

José Domingos

O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas as grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento. Denise Maldidier

Introdução

Este artigo apresenta um breve sobrevoos pelo quadro histórico da Análise do Discurso enquanto campo interdisciplinar. Compreender a Análise do Discurso a partir de sua interdisciplinaridade é aceitar que esta condição a torna um campo propício a inquietações. São preocupações que vão desde os aspectos teóricos e metodológicos da AD, até o modo como cada analista se apropria de seus conceitos e método e os faz funcionar de acordo com uma dada filiação político-institucional.

Cumpramos considerar que ao longo das últimas cinco décadas desde sua idealização por Michel Pêcheux, diversas questões foram reformuladas no cerne de sua proposta teórico-metodológica para o estudo do discurso. Acompanhando na íntegra o trabalho do pensador francês,

torna-se visível o aspecto segmentável de sua obra, fato que o próprio autor considerou ao distinguir “as três épocas da AD”.

Por razões técnico-metodológicas, não se pretende neste artigo apresentar um percurso didatizado dos três momentos da trajetória da Análise do Discurso, mas como o próprio título aponta, irá deslocar-se pela história de sua constituição e desenvolvimento de forma descontínua, uma vez que se existe algo próprio a qualquer campo do saber, este “próprio” é seu caráter de inacabado.

AD - a constituição de um campo interdisciplinar

Para iniciar este sobrevoo à história da Análise do Discurso francesa (AD), reporta-se ao fato de essa perspectiva de estudo do discurso, comumente reconhecida por AD francesa, ter origem nos anos 1960 e surgir em um contexto intelectual afetado por duas rupturas: a primeira relativa ao campo da Linguística, que já não considerava mais o sentido como “conteúdo”. Isso permitiu a Análise do Discurso não trabalhar com a concepção tradicional da análise de conteúdo, ou seja, interessa para a AD francesa o “como” a linguagem funciona e não o que a linguagem quer dizer (ORLANDI, 2004).

A outra ruptura que afetou o contexto anteriormente citado pela autora foi o trabalho de leitura que intelectuais como Althusser, Lacan, Pêcheux e Foucault (suas noções de formação discursiva, memória, interdiscurso e práticas discursivas são fundamentais para o arcabouço teórico da AD) fizeram, respectivamente, da obra de Marx, Freud e Saussure.

Como reafirmado por Gregolin (2007a), a releitura de Saussure foi um dos principais motores desse movimento, cujo objetivo era separar a Linguística do funcionalismo sócio-psicologista, apoiando-se, principal-

mente, nos trabalhos de Jakobson e de Benveniste. É portanto, na ambiência dessa conjuntura epistemológica que surge, e pela qual fortemente é marcada, a Análise do Discurso francesa como disciplina transversal.

Nesse ponto, vale deixar claro o porquê “transversal”: quando no título do tópico referiu-se a Análise do Discurso como campo interdisciplinar foi para ressaltar a base teórico-metodológica por meio da qual ela se relaciona (ainda que tensamente) com uma teoria da língua, uma teoria da história e uma teoria do sujeito (*id.* p. 199); e para evitar que se caia na “tentação de encará-la como uma disciplina de caráter meramente instrumental, sem especificidade própria¹”. Ainda no texto recém citado de Gregolin, a mesma demonstra uma inquietação, que deveria ser comum entre os analistas do discurso, com a historicidade epistemológica e política do corpo teórico-metodológico que sustenta a AD desenvolvida hoje.

A autora fala de um *silêncio tagarela* por que foram tomados inúmeros trabalhos em “análise de discurso” ultimamente: são práticas que vão desde o apagamento das condições de produção de certas formulações à aparente confusão entre propostas, parecendo que qualquer coisa que se faça é “análise do discurso”. O preço desse esquecimento da história e do percurso da construção conceitual é uma certa demarcação territorial que multiplica os rótulos no interior da teoria.

É possível que, em certa medida, o diálogo que a AD estabelece com os campos diversos do conhecimento e as transformações político-sociais que provocaram a crise dos paradigmas nas últimas décadas favoreçam os *apagamentos históricos* que a autora menciona ou até mesmo a deslocamentos conceituais?

1. Na introdução de seu texto intitulado O quadro atual da análise de discurso no Brasil, um breve preâmbulo, Maria Cristina Leandro Ferreira atribui a alguns teóricos essa visão da AD.

É possível que sim, pois há que considerar os dois dados seguintes: primeiro, os conceitos que compõem o conjunto teórico da AD são eminentemente complexos, ademais não surgiram com a teoria, mas a partir dela tornaram-se interdependentes dentro de uma articulação com diversas áreas do conhecimento. Segundo, o trabalho que a Análise do Discurso produz sobre a linguagem favorece a uma mudança de perspectiva na relação do objeto com o sujeito e deste com a realidade sócio-histórica. “E isso a faz, em muitos casos, uma disciplina nitidamente de intervenção no meio social, político e histórico” (FERREIRA, 2007, p. 16). Deve-se notar que esta ideia estava bem mais explicitada quando do surgimento da AD.

Ao lado da preocupação de Gregolin em relação à história epistemológica da AD, Jean-Jacques Courtine em seu *A estranha memória da análise do discurso* demonstra um visível incômodo com o lugar que o pensamento e o trabalho de Michel Pêcheux têm ocupado em certas disciplinas que trabalham com o discurso:

Começamos pelo próprio título da rubrica: escola francesa de análise do discurso. Gostaria de dizer aqui que nem Michel Pêcheux, nem aqueles que estavam com ele na origem do projeto da AD jamais empregaram esse termo, ou, se o fizeram, nunca foram reconhecidos por essa etiqueta. (COURTINE, 2005, p. 27).

Na sequência, o autor afirma que essa expressão (AD francesa) se generalizou posteriormente em meados dos anos 1970 por aqueles que

1. Na introdução de seu texto intitulado *O quadro atual da análise de discurso no Brasil, um breve preâmbulo*, Maria Cristina Leandro Ferreira atribui a alguns teóricos essa visão da AD.

acreditavam ser necessário produzir manuais de AD, cuja concepção de discurso era contrastiva e a partir da qual pensavam o universo em termos de tipologia. Courtine fecha esse ponto mostrando que Pêcheux naquele momento estava inteiramente debruçado sobre a construção teórica e metodológica da AD, que preocupações disciplinares e pedagógicas lhe eram inteiramente estranhas.

Antes de entrar no quadro mais recente da AD, é importante retornar fatos que o precederam.

Michel Pêcheux, como se sabe, dá início à Análise do Discurso na França, como seu principal articulador, em fins da década de 60, época que coincide com o auge do estruturalismo, como paradigma de formação do mundo, das idéias e das coisas para toda uma geração da intelectualidade francesa” (FERREIRA, 2005, p. 13).

Dentro do modelo estruturalista de análise da língua (uma estrutura formal por excelência), não havia espaço para o sujeito, tampouco para a dimensão histórica da linguagem. Esse modelo perdeu sua hegemonia diante das novas questões colocadas às Ciências Humanas no final daquela década, em especial o movimento de Maio de 68.

Como afirma Dosse (1993), esse evento funda um novo cenário que põe o sujeito no centro das interrogações, ou seja, o fez “reaparecer pela janela, após ter sido expulso pela porta”. Do ponto de vista político, a AD nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a Linguística. A rigor, o que a AD faz de mais corrosivo é problematizar o interior da própria Linguística, operando um sensível deslocamento

de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época (FERREIRA, 2005).

Desse modo, o sujeito, determinado pela linguagem, pelo materialismo histórico e pelo inconsciente, que fora negado no Estruturalismo, assim viria a ser encontrado no livro *Análise automática do discurso* de Michel Pêcheux e no lançamento da revista *Langages* organizada por Jean Dubois. Do ponto de vista cronológico, o ano destas publicações (1969) é o marco inaugural da AD. O papel que a AD atribuiu à linguagem como sendo elemento fundante do sujeito é aquilo que mais a distancia das abordagens meramente formais e categorizantes do estruturalismo que usam a língua como instrumento para explicação de textos.

Seguramente, o olhar da Análise do Discurso sobre a linguagem tem lhe custado um “caso mal resolvido” com a Linguística. Ainda que a AD atue sobre uma base material que é da ordem do linguístico, ambas não compartilham totalmente a visão de língua e sujeito por exemplo. Como pensa Ferreira (2007), entre AD e Linguística há contato, não pertencimento. Esta não está contida naquela. É bem verdade, que dentro da lógica burocrata do CNPq, CAPES e grande parcela das instituições de ensino essa caracterização é inócua.

Se houve, desde o início, uma natureza de ruptura da AD com a conjuntura política e epistemológica então vigente e ao mesmo tempo uma aproximação com diversos outros campos, não foi para fazer da AD “[...] nem disciplina autônoma, nem disciplina auxiliar” (ROBIN *apud* FERREIRA, 2005, p.15). O que ela visa antes de tudo é tematizar o objeto discursivo como “objeto de fronteira” a várias divisões disciplinares, isso a põe no lugar de interpretação ou teoria crítica da linguagem. No que tange à interpretação, o próprio Pêcheux (1998, p.53), deixa

claro: “A AD não pretende instituir-se especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito”.

O que é marcante na proposta teórica da AD em contraposição às ciências positivistas é seu interesse pelos campos discursivos não estabilizados logicamente, assim como os múltiplos registros do cotidiano não estabilizados. Essa reserva permite que se desenvolvam trabalhos no interior da AD voltados aos mais diversos registros de discursividade. O desafio crucial é o de *construir interpretações*, sem jamais neutralizá-las, nem no “qualquer coisa” de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal (*id. ibid.*).

Diante disso, fica patente a impossibilidade de se acessar um sentido que estaria oculto atrás de um texto. Necessita-se de um “instrumento teórico” que alcance a dimensão linguística e histórica da linguagem; a discursividade, citando Orlandi (2004). A Análise do Discurso vem ocupar esse lugar dessa necessidade teórica trabalhando a opacidade do dizer e vendo nela o funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela – a língua – signifique. Em síntese, a AD não produz seu resultado no objeto linguístico, mas no objeto sócio-histórico; o linguístico intervém como pressuposto. A análise linguística é necessária, mas não é suficiente.

Como fora posto em suspenso anteriormente, retoma-se agora ao quadro mais recente da AD. Passados mais de 50 anos desde a publicação dos trabalhos, aqui já citados, pelos quais a Análise do Discurso é lançada no campo dos estudos da linguagem, perfazendo um trajeto de desenvolvimento e consolidação, é importante fazer algumas considerações, especialmente sobre o desenvolvimento desse trajeto tanto da

parte brasileira como da francesa. O início dos anos de 1980 parece ser uma data decisiva para se compreender “os sentidos” que a AD tomou a partir de então e a relação entre a teoria do discurso de Pêcheux na França e aqui.

Nos primeiros anos daquela década, o Brasil passava pelo enfraquecimento do regime político ditatorial que se instalara desde 1964. O trabalho de Eni Orlandi na Unicamp favorece para que a AD se configure como uma “disciplina” acadêmica – é consenso que sem o enfraquecimento da ditadura militar seria inviável a implantação no ambiente da academia de uma teoria (linguística) com base marxista². O mundo enfrentava o declínio dos movimentos “estruturalistas”, a crise dos “marxismos” e a morte de importantes figuras que os sustentaram desde 1950 como Althusser, Barthes, Lacan, Pêcheux e Foucault (GREGOLIN, 2007a).

Após sua introdução no Brasil, dentro do contexto acima descrito, a AD foi se consolidando no cenário linguístico acadêmico brasileiro ao mesmo tempo que “se descolou da Lingüística e ganhou maior entrada nas áreas-fronteiras das ciências humanas, como a História, a Filosofia, a Sociologia e a Psicanálise” (FERREIRA, 2005, p. 21). Um ponto importante dessa maior circulação da AD por outros campos, é o como isso contribui para desfazer certas visões ultrapassadas, como a que insiste em identificar a AD como análise de discurso político. Hoje essa situação se alterou com a diversidade de materiais que são objetos de interesse dos analistas do discurso brasileiros:

2. Na introdução de seu texto intitulado O quadro atual da análise de discurso no Brasil, um breve preâmbulo, Maria Cristina Leandro Ferreira atribui a alguns teóricos essa visão da AD.

Do campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem terra, greves, *gênero e sexualidade*³), e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas (hiperlíngua, autoria, sujeito do discurso, equivocidade da língua), a AD no Brasil [...] se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem realizado pelas ciências humanas (*id. ibid.*).

Enquanto os estudos em AD no Brasil conservaram uma postura mais histórico-política, Courtine (2005) diz, e o tom é de crítica, que a partir da segunda metade dos anos de 1980, a AD na França progressivamente gramaticalizou-se, distanciando-se da dimensão histórica do discurso. Essa compreensão de que o percurso dos saberes, os conhecimentos científicos são históricos leva Gregolin (s/d) a propor que a análise do discurso de tradição francesa que se tem hoje no Brasil possa ser chamada de “brasileira”, uma vez que surgiu em outro momento histórico, em outro espaço geográfico e institucional, adquiriu outras características, tem outras problemáticas e formula outras questões. Entender o panorama histórico da AD exige distinguir o que a particularizou lá e cá: quando, na França, a AD já vivia um tempo de re-elaboração (início dos anos 80), no Brasil a teoria ainda desembarcava. Isso influenciou a interpretação de seus textos teóricos como mostra Gregolin, (2007a, p.200):

Essa defasagem temporal certamente provocará efeitos na recepção dos textos e na sua circulação, especialmente porque foram sendo lidos e traduzidos numa cronologia diferente daquela estabelecida na historicidade francesa.

3. Grifo do autor.

Uma série de diferenças deriva dessa diferença no tempo e no espaço: uma delas diz respeito ao “método automático” que não foi transplantado para o Brasil – evidentemente porque já havia sido superado na França.

Ao final do trabalho citado, a autora argumenta que o desconhecimento desse complexo diagrama da história franco-brasileira dá margem a discursos que fazem circular uma visão redutora da Análise do Discurso, relacionando-a apenas às formulações da “primeira época” da empreitada teórica de Michel Pêcheux. À época, fortemente tocado por Althusser – leia-se interpelação ideológica, assujeitamento – Pêcheux não parou aí; burilou conceitos, repensou teorias, e quando de sua morte, já se avizinhava de figuras com um pé na Nova História ou os filósofos do discurso como Foucault, de quem a AD recebeu grande contribuição teórica.

É pertinente neste ponto, não deixar de ressaltar a importância que o trabalho de Mikhail Bakhtin teve e tem no estudo do discurso: A ideia de *heterogeneidade discursiva*, que Jacqueline Authier-Revuz desenvolve com base na Psicanálise lacaniana e no Dialogismo bakhtiniano, aproxima a proposta teórica de M. Pêcheux do estudo de Bakhtin sobre a importância do outro na construção da linguagem.

Se é possível reconhecer hoje um terreno brasileiro consolidado e atuante em Análise do Discurso, é resultado de uma trajetória principiada por Michel Pêcheux e feita nos encontros com alguns nomes (Saussure, Lacan, Althusser, Foucault...), que em maior ou menor grau, foram determinantes para esta teoria do discurso. Seguindo essa linha teórica, atualmente no Brasil vários grupos desenvolvem trabalhos em AD.

Interessam a estes grupos desde os mecanismos de produção de sentidos em diferentes tipos de discurso, à questão da identidade, das subjetividades e do corpo. A atuação desses grupos no campo dos estudos do discurso ratifica o pensamento de Ferreira (2007, p. 86) para o qual aqui a AD “se mostra pulsante, sem medo de incorporar novas materialidades, e sem estacionar nas questões e querelas que marcaram sua origem européia”.

Para concluir este sobrevoo à história da AD, é fundamental compreender que a trajetória investigativa da Análise do Discurso tem sido marcada por mudanças relativas aos objetos analisados. Estes não mais se restringem a um tipo de discurso (político e escrito), pelo contrário, inclinam-se para a sua diversidade (em particular os discursos do cotidiano). Esta nova face dos estudos da linguagem em geral, e da Análise do Discurso em particular, é um efeito do advento das novas tecnologias e sua possibilidade de representação do social.

Diante deste fato incontornável, o trabalho do analista do discurso está continuamente faceado à necessidade quase compulsória de se repensar a teoria e o método de analisar o discurso. Ele (o discurso) na posição de um objeto historicamente determinado põe, atualmente, a disciplina que o privilegia em estado de interrogação. Quiçá, seja esta uma nova virada para mais uma página na história da AD.

Se hoje a Análise do Discurso compartilha, junto àqueles que se dedicam ao seu estudo, desse estatuto de um saber sempre inacabado, implica que este não seja apenas um ponto de chegada dentro de uma longa narrativa, mas reportando-se a Guilhaumou (2009), o momento para rever “o início do acontecimento discursivo da Análise do Discurso”.

Referências

COURTINE, J. J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours. À propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages* n° 62. Paris: Didier Larousse, 1981.

_____. A estranha memória da análise do discurso. In: FERREIRA, M.C.L. ; INDURSKY, Freda. *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

DOSSE, François. *História do estruturalismo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

FERREIRA, M.C.L. Introdução. In: FERREIRA, M.C.L. ; INDURSKY, Freda. *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

_____. Análise do Discurso no Brasil: notas à sua história. In: Fernandes, Cleudemar Alves e Santos, João Bosco Cabral dos (Org.). *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. 3ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007a.

_____. Tempos Brasileiros: Percursos da Análise do Discurso nos desvãos da História do Brasil. In: Fernandes, Cleudemar Alves e Santos, João Bosco Cabral dos (Org.). *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos, SP: Claraluz, 2007b.

_____. *Linguagem e história: relações entre linguística e análise do discurso*. [s.l.: s.n.]. [s.d.].

GUILHAUMOU, Jacques. *Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos, SP: Pedro e João editores, 2009.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: re(ler) Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. A Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, Françoise e HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: EDUNICAMP, 1990.

_____ Sobre os contextos epistemológicos da Análise do Discurso. Tradução de Ana Maria Dischinger Marshal e Heloísa Monteiro Rosário. In: *Caderno de tradução*. 2ed., [s.l.]: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

_____ *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998.

“Quem tem medo do lobo mau?”

Redes de memória e construção de identidades em releituras de Chapeuzinho Vermelho no discurso midiático

Lúcia Helena Medeiros

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros (Foucault, 2007, p. 28).

Considerações iniciais

A história, sendo uma ponte entre o passado e o presente, liga-se profundamente à memória, a qual é resgatada e reelaborada por meio da linguagem. É no cruzamento da língua com a história e a memória que se dá a produção de sentidos e a discursivização dos temas. A memória estabelece os elementos citados, os discursos transversos, as repetições que se materializam discursivamente, seja através dos enunciados verbais e/ou imagéticos. É então que surgem os interdiscursos, os quais aparecem por meio dos deslocamentos, das retomadas a uma memória.

Nesses discursos deslocados e reformulados constituem-se os novos sujeitos da contemporaneidade, surgindo então uma nova mulher: su-

jeito fragmentado, disperso e bastante representado nos textos publicitários. Isso pode ser observado através da materialidade dos gêneros midiáticos, os quais retratam muito bem essas identidades e sua liquidez na contemporaneidade.

Desse modo, este trabalho de pesquisa visa a descrever/interpretar os papéis identitários femininos, os quais circulam pela mídia em releituras de contos de fadas no discurso publicitário, averiguar as condições de produção desses discursos e reconhecer a inscrição desse novo sujeito pelas redes da memória. Para melhor entender os discursos da mídia faz-se necessário retomar as teorias da Análise do Discurso Francesa, dos estudos culturais, além das concepções sobre a memória e sobre a História das mulheres. Essa pesquisa proporciona uma melhor averiguação dos comportamentos sociais femininos e da discursivização que a mídia faz sobre esse tema.

I. Memória, mídia e identidade feminina

As identidades se transformam a cada época, a cada contexto social, no interior de formações discursivas, por meio das diferenças e através da relação com o outro. Isso acontece porque as sociedades contemporâneas passam por constantes e rápidas mudanças que acabam por influenciar os comportamentos dos sujeitos. Esses sujeitos, sendo heterogêneos, como coloca Authier-Revuz (1982), traz em si formações discursivas que se inter-relacionam com a história e com a memória. E é nessa memória social e coletiva que se encontra a história das mulheres.

A mulher, sendo por muito tempo, um ser submisso ao homem, dentro de uma sociedade patriarcal, sempre foi vista como delicada, frágil e sem maiores competências intelectuais. À mulher eram reservadas as

atividades do lar, os cuidados com os filhos e o marido, sendo que a ela não caberia as realizações pessoais e/ou profissionais. Somente no século XX esses posicionamentos começam a passar por mudanças mais significativas e consistentes.

Perrot (2007, p. 15) diz que

a história das mulheres partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para depois chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança.

E essas mudanças se deram de maneira demorada, numa caminhada de passos lentos, por longos anos, pois, por muito tempo, a mulher foi silenciada em sua história. Pouco se escrevia sobre elas ou para elas. E poucos feitos a mulher se dava ao direito de realizar senão aqueles que envolvessem o bem-estar da família. Como o direito aos estudos era-lhes negado, poucas eram as mulheres que dominavam a leitura e a escrita e menos ainda as que, obtendo esses conhecimentos, ultrapassavam as escritas pessoais. Mesmo seus escritos, produzidos no espaço privado, eram escondidos ou queimados após sua morte, quando não enterrados junto ao seu leito final. Essa interdição da palavra dava-se na história de um silêncio, de um apagamento da memória.

Sobre a interdição Foucault (1971, p.08-09) coloca que

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função con-

jurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

E quanto ao que estava relacionado ao discurso feminino, o controle, a seleção, eram redobrados, pois, os “perigos” deveriam ser evitados.

E muito tempo ainda, a mulher permaneceu na penumbra, na sombra dos homens – seja do pai, de um irmão, do marido – até mesmo o corpo das mulheres amedrontava os bons preceitos sociais. Era preferível que estivesse sempre coberto. E para mostrar compromisso com um homem, até seu penteado era modificado. Após o casamento, as mulheres deveriam prender os cabelos, como uma marca de pertencimento a outrem, em uma posição de maior respeito, pois os cabelos femininos excitavam o sexo oposto. Como coloca Perrot (2007, p.51), os cabelos eram “o símbolo da feminilidade, condensando sexualidade e sedução e atizando o desejo”. Aparece, então, a interdição da mostragem das vastas cabeleiras femininas. Às mulheres casadas reservava-se o direito de soltar os cabelos apenas para seu cônjuge, no leito do casal. Matthews-Grieco (2008, p.217) em *História do Corpo*, ressalta que “a percepção do corpo – e da sexualidade – não pode ser dissociada da maneira como a comunidade avalia as ações individuais”. Daí as aprovações ou reprovações na tentativa de disciplinar esses atores sociais.

Havia o controle ininterrupto, a coerção e a disciplinarização dos corpos. Quanto a isso, Foucault (2008b, p. 118) ressalta que

esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar “as disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos con-

ventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação.

Nesses métodos disciplinares, os corpos devem se tornar não só obedientes, mas também úteis. “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 2008b, p. 119).

Mas, como se faz a passagem do silêncio à palavra? Da submissão à resistência?

Houve uma dimensão sexuada da história e da sociedade. A história das mulheres, enfim, saiu da vida privada para a vida pública. Com os movimentos feministas que se fortalecem no século XX, as mulheres começam a adquirir o direito à palavra pública. Começa a se romper o silêncio. Em 1970, os acontecimentos são muitos, entre eles a redescoberta da família. A partir de então, a mulher marca mais fortemente sua presença em todos os campos, principalmente no intelectual, antes tão reservado somente aos homens.

Nasce assim o desejo de uma nova história, de um novo retrato feminino, de uma nova identidade. E essa nova identidade feminina, aparece cada vez mais deslocada, mais dispersa, mais descentrada e fragmentada.

De acordo com Hall (2006, p.07), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Para Bauman (2007), isso se dá porque vivemos em tempos líquidos, em que tudo se desfaz, tudo dura pouco, nada é eterno. Não há solidificação dos comportamentos, os quais passam por rápidas e constantes modificações nas sociedades contemporâneas.

Junto a essas mudanças, a mídia, seja televisiva, digital, impressa, assume um papel essencial, o da representação desses novos sujeitos. No fio condutor do discurso midiático, surge uma mulher sedutora, decidida, inteligente. Mudam os discursos da mulher e muda a discursivização sobre a mulher. E isto pode ser visto em várias campanhas publicitárias que circulam pela mídia.

Entre essas campanhas, interessam a este trabalho de pesquisa, especificamente aquelas que retomam o conto de Chapeuzinho Vermelho. Isso porque se percebe, nessas releituras, os diferentes discursos proferidos sobre as novas identidades femininas e, conseqüentemente, masculinas. As doces princesas e os destemidos e valentes príncipes, protagonistas dos mais belos contos, conhecidos e divulgados por todo o mundo, aparecem de uma nova forma, são materializados de uma nova maneira, demonstrando novos comportamentos e novas identidades.

2. Mulheres contemporâneas em releituras de Chapeuzinho Vermelho

Aqui serão analisados, de acordo com as teorias da análise do discurso de tradição francesa, alguns textos que fazem parte de campanhas publicitárias, as quais representam a identidade feminina em releituras de contos de fadas, mais especificamente as releituras de Chapeuzinho Vermelho e o lobo mau.

O texto a seguir faz parte de uma campanha criada para os produtos d'O Boticário, no ano de 2005, e circulou pelas cidades exposto em *outdoors*, além de circular por *sites* da *internet* e na revista digital Mundo Fabuloso. A campanha contou com quatro anúncios de páginas duplas

para revistas, como a CARAS e quatro anúncios para *outdoor*, além de um comercial de 60 segundos para a televisão.



Fig.01: Releitura de “Chapeuzinho Vermelho”
O Boticário – Campanha 2005

Esse anúncio traz uma releitura do conto “Chapeuzinho Vermelho”. Nessa releitura, Chapeuzinho aparece mais moderna, mais sofisticada, com uma nova roupa, bem maquiada e de cabelos loiros, lisos e tratados. Essa Chapeuzinho representa uma nova identidade feminina, mais destemida, mais independente, menos frágil. Uma mulher pronta para seguir o que sugere o *slogan* da campanha: “Você pode ser o que quiser”. Esse enunciado mostra uma das passagens do silêncio à palavra feminina, da submissão à resistência. A mulher não é mais o que os outros querem que ela seja, mas o que ela mesma quer ser, pois agora ela é um sujeito que faz escolhas, que tem vontades e que busca satisfazer a essas vontades. A mídia divulga, então, a quebra do silêncio, da submissão feminina.

No enunciado “Use o Boticário e ponha o lobo mau na coleira” percebe-se o deslocamento de uma outra personagem do conto, tão conhecida por todos: o lobo mau. O discurso dirigido a essa personagem

é o de um ser que pode ser dominado, basta que se use os produtos d'O Boticário. Dessa forma, o lobo (metaforizando o gênero masculino) estará preso a você - que usa o Boticário - pela coleira. Perde-se o medo da fera e adquire-se o poder sobre ela.

Nesse enunciado há uma memória coletiva que age para o reconhecimento dos elementos retomados no anúncio. Como diz Silva (2008), aparece nessa materialidade discursiva “um efeito de memória”. Essa memória é retomada ainda pela mídia, através da imagem da moça do anúncio, vestida com uma capa vermelha, o que leva o propenso consumidor dos produtos divulgados a fazer um “reconhecimento por imagens”, conforme coloca Bergson (HALBWACHS, 2006).

Observa-se aqui a volta do acontecimento (FOUCAULT, 1971), o novo que aparece por meio do já-dito. Essa volta é possível por meio da história e da memória. E, para que exista uma memória, Davallon (2007, p.25) coloca que é preciso que “o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de posteriormente fazer impressão”. Parece ser isso o que acontece com os contos de fadas, pois, a todo momento, são retomados pela memória social de um povo que deu a esses contos um lugar significativo na história.

Davallon (2007) ainda ressalta que a imagem age como um operador de memória social. Nela há um efeito de repetição e de reconhecimento. A imagem funciona enquanto diagrama, esquema ou trajeto enunciativo. E a memória se apresenta na materialidade discursiva por meio da repetição e da regularização. É essa memória discursiva que estabelece os elementos citados e relatados, os discursos transversos, os implícitos necessários à leitura, ao gesto de interpretação.

Esse reconhecimento por imagens que podem ser encontradas na memória social de um povo continua a ser explorado no texto a seguir, uma outra releitura de “Chapeuzinho Vermelho”.



Fig. 02: Releitura de “Chapeuzinho Vermelho”. Calendário Campari - 2008

A sensualidade da modelo Eva Mendes é captada pelas lentes da mídia na ousada campanha criada para o grupo CAMPARI. A campanha retoma episódios dos tradicionais contos de fadas, juntando a fantasia com a inspiração em releituras modernas de personagens como Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, O gato de Botas, Cinderela, A Bela e a Fera e outros. São doze contos recontados e revestidos de um mundo contemporâneo que formam o Calendário Contos de Campari 2008. Esse calendário teve edição limitada de 9.999 (nove mil, novecentas e noventa e nove) cópias distribuídas internacionalmente.

Na imagem acima, observa-se que não aparecem enunciados verbais, mas, o corpo como enunciado. A imagem de Chapeuzinho Vermelho desperta uma memória coletiva. Nessa memória coletiva há uma

figura que se desloca, trazendo a história, (re)contada, para esse mundo contemporâneo, e essa figura é a capa vermelha, a qual simboliza a personagem desse conto, nas releituras da mídia.

Enquanto o anúncio dos produtos O Boticário traz o enunciado verbal “Use o Boticário e ponha o lobo mau na coleira”, o anúncio da Campari nada diz (verbalmente), mas traz a imagem do lobo preso a essa coleira. O lobo (animal) na verdade representa a figura masculina, a qual estaria presa, submissa aos poderes femininos. Há uma inversão da “ordem do discurso” (FOUCAULT, 1971) que sempre foi pregado pela sociedade patriarcal. Destemida, segura de si, a mulher passa de ser dominado a ser dominante, passa a ser aquela que comanda a situação.

Para complementar esse raciocínio de repetição através do uso da memória, coloca-se aqui o que diz Foucault (1971, p.21-22) a respeito do princípio do comentário:

Suponho, mas sem ter muita certeza, que não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza.

Nas releituras analisadas, percebe-se a riqueza desses contos que, por serem tão populares e estarem tão presentes na memória social, tornam a ser lembrados e recontados, cada vez de uma nova forma, com um novo objetivo.

No jogo dos sentidos, a mídia tenta negociar com a diferença. Ela mostra uma mulher diferente daquela rotulada pelo machismo persistente por tantos anos nas sociedades patriarcais. É um grito de independência feminina, uma demonstração da emancipação da mulher. E como res-

salta Foucault (2008a) nas malhas do poder, os indivíduos estão sempre circulando, exercendo ou sofrendo a ação desse poder. Há uma inversão dos sentidos nas relações de gênero. Ora a mulher sofre, ora exerce a ação do poder. O que não poderia ser dito há quarenta anos atrás torna-se natural que seja dito/visto agora, pois as condições de produção dos discursos são outras. Mas como esses papéis se inverteram a esse ponto? De que forma as relações de poder entre homem e mulher se modificaram? Foucault (2008a, p.75) vai dizer que “cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder”. O que explica a luta das mulheres pela conquista da liberdade, do direito de escolha.

Nesse sentido, isto acontece porque, segundo Hall (2006), as identidades, que por muito tempo estabilizaram a esfera social, estão sendo substituídas por novas identidades. O autor (2006, p.07) ainda coloca que

a assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Para Hall, a identidade do sujeito se constrói através dos discursos que circulam na sociedade, sendo então, a identidade, um processo cultural. Daí ele dizer que não há identidades fixas, porque os cenários das sociedades modernas estão em constantes transformações, o que leva o sujeito às mudanças de comportamento e de identidade.

Surgem então os novos discursos. Isso ocorre devido às transformações das identidades, e “tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao

mesmo tempo, uma impossibilidade” (SILVA, 2007, p.84). Isto pode ser visto nas imagens acima que retratam o novo mundo feminino, por meio dos discursos da mídia.

Considerações finais

Nos textos analisados, a mídia não se preocupa em divulgar uma imagem feminina de acordo com os padrões limitados e governados pelos preceitos mais antigos. Ela retoma os contos de fadas e suas personagens, mas dá a essas jovens “puras e inocentes” características menos angelicais, mais ousadas e mais sensuais, com capacidade de agirem seguindo sua própria vontade e de prenderem ao seu lado, se assim o quiserem, um outro sujeito em quem fazem despertar ou por quem sentem despertar o desejo.

Nesses textos publicitários, verifica-se uma nova identidade feminina circulando pela sociedade através da mídia. Percebe-se a vontade de liberdade, a sensualidade, a exposição do corpo. Diferentemente das moças de outrora, essas mulheres não parecem dependentes de uma união estável e cômoda, não andam suspirando pelo homem idealizado. Há uma nova vontade de verdade divulgada pela mídia. Essas mudanças que ocorrem, fazem parte do cotidiano desses novos sujeitos que assumem sua dispersão e sua fragmentação nesse mundo contemporâneo.

Para Gregolin (2007, p. 39-40), “a mídia faz parecer que a identidade é essencialmente resultado de uma construção do próprio eu; cria a idéia de que ela é projeto de cada indivíduo, concebido ao longo de sua vida e desenvolvido mediante suas próprias escolhas”. Na modernidade, constata-se uma fabricação de indivíduos que são, em todo momento, compelidos pelo discurso midiático, pois, a mídia, seja

pelos jornais, revistas, rádio, TV ou *Internet*, invade a vida do sujeito contemporâneo interpelando-o e impulsionando-o a criar sua história.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. *Hétérogénéité Montrée et Hétérogénéité Constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. Paris: DRLAV, 1982. n.26, pp. 91-151.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DAVALLON, Jean. A Imagem, uma Arte de memória? In: ACHARD, Pierre et alli. *Papel da Memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2007.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. 13ed. São Paulo: Edições Loyola, 1971. Coleção Leituras Filosóficas.

_____. *Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *Microfísica do Poder*. 25ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008a. Coleção Leituras Filosóficas.

_____. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 35ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. Discurso, história e a produção de identidades na mídia. In: FONSECA-SILVA, Maria da C. e POSSENTI, Sírío (Orgs.). *Mídia e Rede de Memória*. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MATTHEWS-GRIECO, Sara F. Corpo e Sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, A., COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, G. *História do Corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (vol. 1).

MUNDO FABULOSO. Disponível em: <http://mundofabuloso.blogspot.com>

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RIBEIRO, Flávia. Quem Tem Medo do Lobo Mau? In: *Aventuras na História*. Ed. Abril, 16 de setembro de 2005, pp.54-57.

SILVA, Francisco Paulo. De como se inscreve o acontecimento na estrutura: em foco a relação intra e interdiscursiva. In: *Anais da V SELLP – semana de Estudos Lingüísticos e Literários de Pau dos ferros*. Pau dos ferros, BA, 2008.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

“Espelho, espelho meu”

A visibilidade do corpo no discurso publicitário

Tânia Pereira

Neste estudo, buscamos refletir acerca da construção do corpo contemporâneo, vinculado a um padrão estético por meio dos interesses da indústria de consumo. As reflexões estão ancoradas no âmbito da Análise do Discurso (AD) francesa, particularmente, nas ideias postuladas por Pêcheux (2007) e sua aproximação com os estudos de Michel Foucault (2007, 2005, 2004), referentes às questões relacionadas ao papel da memória discursiva na produção dos sentidos e constituição dos sujeitos.

Para isso, analisamos duas propagandas¹ veiculadas na mídia impressa. A primeira é referente ao *Diet Shake*, produto indicado para emagrecer e fabricado pela empresa Nutrilatina; a segunda é sobre os modeladores corporais *Esbelt*. Ambas estão envolvidas nas tramas da rede de memória, nas quais o sujeito-mulher é levado a crer que a construção de um corpo belo é, muitas vezes, um projeto de conto de fadas.

Os contos de fadas são fundadores de discursividades, porque estabelecem possibilidades indefinidas de outros discursos serem repetidos, parafraseados, comentados. E os novos discursos podem refazer os sen-

1. Os termos *propaganda* e *publicidade*, na maioria das vezes, são usados com o mesmo significado. Considerando que este artigo não se trata de um estudo das diferenças entre os dois verbetes, utilizarei os termos como sinônimos.

tidos do texto fundador, sem perder de vista que o “novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2007).

Na sociedade contemporânea, a busca por um corpo magro transformou-se em uma corrida rumo ao consumo. Esse corpo desejado é tão objeto de consumo quanto as roupas que o vestem. Na atualidade, a excessiva exposição midiática de corpos plasticamente perfeitos, à prova de velhice e isentos de quaisquer descuidos, legitima e afirma não só o consumo, mas também, como devemos ser fisicamente.

O descontentamento com o corpo necessita ser discutido, especialmente se falamos do confronto com as imagens de beleza difundidas pela mídia, que contrariam a situação real da maioria das mulheres com os seus corpos. Apesar de o corpo ter se emancipado de muitas de suas antigas prisões sexuais ou indumentárias, encontra-se preso, atualmente, a coerções estéticas mais poderosas e geradoras de ansiedade do que antes.

Por considerar que as práticas de construção do corpo estão atreladas à espessura histórica e ao papel da memória na produção e circulação de discursos, teceremos, inicialmente, algumas considerações sobre essas questões.

A noção de memória discursiva

Na perspectiva da AD, a memória discursiva é diferente da memória individual, psicológica ou coletiva. É uma memória entrecortada pela linguagem e pela história, na qual, conforme Courtine (2009), a noção de memória discursiva concerne à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, reguladas por aparelhos ideológicos.

Para Foucault (2005), a memória discursiva resulta sempre de um “já-dito”. No âmbito da AD, a memória é compreendida como “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...]. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2007, p. 56). Quando nos referimos à memória discursiva, não tratamos de lembranças do passado, ou recordações que um indivíduo tem do que já passou. A memória é constitutiva do discurso; não a memória individual, como “registro mecânico”, porém, a memória enquanto fato social. A memória discursiva é o interdiscurso, o saber (e o dizer) “já-dito”.

Fernandes e Santos (2008, p. 285) consideram que a imagem tomada como operador de memória e enunciado pode ocupar lugar no cerne da arqueologia foucaultiana, e remete-nos à noção de arquivo, entendido como “um conjunto de enunciados efetivamente produzidos em dada época”. Nas palavras de Foucault, o arquivo é

a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. [...] o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas (FOUCAULT, 2005, p. 147).

Os sentidos de um discurso são possíveis, porque recuperamos o seu “já-dito” por meio da memória, já que em cada enunciação, intervém a situação imediata, além da história e da memória (um trabalho conjun-

to entre a memória social e a individual). Por isso, qualquer enunciado será sempre uma resposta a enunciados passados. Logo, toda formulação deve ser analisada por dois eixos: o vertical, que inclui a memória discursiva, o interdiscurso; e o horizontal, que trata da materialidade discursiva, aquilo que estamos dizendo em um dado momento, em certas condições, o intradiscurso (PÊCHEUX, 2007).

A imagem é um operador de memória. Conforme os estudos de Pêcheux (2007, p. 52), a memória discursiva é “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos”, isto é, os pré-construídos, os discursos transversos. Entretanto, a historicidade que atesta o discurso faz com que nada seja repetição do “já-dito”, isso implica que a retomada do passado é condição para ler o presente. Assim, todo discurso é atravessado por uma memória manifestada pelo retorno de acontecimentos e enunciados passados sob novas condições sócio-histórico-ideológicas. Ao ler um texto que surge como um acontecimento, os implícitos são estabelecidos. O seu sentido será recuperado se recorrermos à memória, já que não há uma palavra original. No entanto, um “novo” acontecimento também pode deslocar os implícitos associados a um acontecimento anterior, a um sistema de regularização, ou vir a coexistir junto a ele. Na publicidade selecionada para análise, observamos esses aspectos.

Para o corpo atender à imposição do controle social, reforçado pela mídia, Foucault (4004) ressalta as “técnicas de si”, que possibilitam aos sujeitos fazerem operações sobre seus corpos, seus modos de ser, suas condutas, de maneira a constituir o que Milanez (2006, p. 48) denominou de “armadura da conduta cotidiana”. Diante da mídia, forte instância constitutiva de representações imaginárias e da imagem do corpo acentuada pela efemeridade das constantes modificações pelas

quais ele passa, é cabível o questionamento kantiano: afinal, “quem somos nós?”.

A feminista americana Naomi Wolf (1992, p. 11) afirmou que

a ideologia da beleza é a última que resta das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar as mulheres [...] e tornou-se mais poderosa para tomar em mãos o trabalho de coerção social que os mitos antigos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem empreender.

Para a autora, é importante questionar: “por que é que a ordem social sente a necessidade de se defender iludindo as mulheres reais, as nossas faces e corpos e reduzir o significado das mulheres a estas imagens da beleza, reproduzidas interminavelmente formidáveis?” (WOLF, 1992, p. 18). Como provável resposta a esse questionamento, podemos dizer que não vivemos apenas sob a ditadura do corpo, mas também, sob a égide do consumismo. Por isso, é necessário que as mulheres sintam-se incomodadas quando a silhueta fica um pouco mais gorda, não porque devem ser mais saudáveis, mas porque, se não se sentirem assim, não farão mais regimes e não consumirão mais produtos indicados para emagrecer. O segredo da indústria da boa forma é que as pessoas nunca conseguem permanecer em boa forma, já que a maioria dos indivíduos que fazem regime volta a engordar. Desse modo, o que se vende não é um sonho, mas um fracasso.

Um olhar sobre o corpo

Ao longo do século XX, o corpo passou por mudanças radicais nos espaços público, privado, político e social. Embora o início dos processos de redefinição dos espaços e papéis do corpo remonte ao período entre as duas grandes guerras mundiais, a transformação da relação dos indivíduos com o próprio corpo consolida-se, verdadeiramente, na segunda metade do século XX, em consequência das mudanças de paradigmas decorrentes da reconfiguração do mapa geopolítico do mundo, após a Segunda Guerra Mundial.

Nesse século os conceitos de saúde e de beleza sofreram um deslocamento em relação a períodos anteriores. A conquista de um corpo saudável e belo passou a ser entendida como um objetivo individual a ser atingido por meio de um exercício intencional de autocontrole, através de força de vontade, restrição e vigilância constantes. Lupton (2000) defende que a obesidade passou a ser vista como sinal tangível de falta de controle, impulsividade, auto-indulgência, enquanto que o corpo magro é testemunho do poder da autodisciplina, exemplo do domínio da mente sobre o corpo. A busca por esse novo corpo belo e saudável acarretou, durante as últimas décadas, a substituição do açúcar por produtos *light* e *diet*.

Foucault (2007) considera o corpo como o *locus* privilegiado de ação do poder e do controle social. Para ele, os corpos trariam impressos em si as marcas da cultura, e não da natureza. Em nossa sociedade, essa ação da cultura sobre os corpos é, em grande parte, promovida pelo discurso midiático.

A visibilidade da mulher, relativa à aparência física (o espetáculo visível), corresponde ao olhar de um(a) espectador(a), quase sempre invisível, porque está fora das imagens. Apesar de invisível, ele ou ela são a fonte do olhar e aquele que olha, constantemente, sem ser olhado adquire uma posição de força, de poder. É o olhar disciplinador: “É o fato de ser constantemente visto, de ser sempre susceptível de ser visto, que mantém o indivíduo disciplinado na sua sujeição” (FOUCAULT, 2007, p.187).

Fonseca-Silva (2007, p. 209) considera que, no início da segunda metade do século XX, foi instaurada uma nova ordem de poder-saber sobre o corpo, visto como espaço de inscrição de acontecimentos em que beleza e saúde estão associadas. A autora afirma que “nessa ordem a beleza deixa de ser um dom e passa a ser construção, atributo que se conquista por meio do governo do corpo, que passa a funcionar a serviço da indústria tecnocientífica do corpo saudável”.

No entanto, não é todo e qualquer corpo que saiu do recôndito para atrair olhares nos mais variados segmentos dos espaços públicos. O corpo mínimo, ou seja, o corpo magro é o que obtém a concessão para exibição. Hoje, após a primeira década do século XXI, é a qualidade de vida, o bem-estar, a saúde e o corpo leve que estão na ordem do discurso publicitário. A magreza, indicativo de um corpo saudável, de uma alimentação correta, adequada, benéfica, símbolo de distinção para os que o possuem.

Como o corpo tem um lugar central no espetáculo midiático, o imaginário que existe em torno dele, reproduz variadas práticas que se articulam em espaços definidos e em diferentes épocas. Já que se exige das mulheres um ideal de beleza homogeneizante, sempre em mutação, seus corpos tornam-se o que Foucault denominou de “corpos dóceis”: “aque-

les cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao aperfeiçoamento” (FOUCAULT, 2007, p. 118).

Para Foucault (2009), o poder investiu nos corpos dos indivíduos, ao longo do tempo, criando uma forma específica de consciência de si. O eixo civilizatório do Ocidente gerou a construção de uma expectativa de corpo fundamentada no reforço de um sentimento contraditório que se vê explodir na atualidade: dominar o corpo e, ao mesmo tempo, libertá-lo; subjugar-lo e depender dele para sua “felicidade”; acreditar na superioridade e na independência da mente, mas se submeter aos rituais necessários ao corpo “em forma”.

O corpo, agora tornado plástico pelas intervenções possibilitadas pelos avanços da tecnologia e da ciência, é construído e reconstruído nas imagens da mídia, tornando-se utopia para cada corpo real. A noção de espetáculo, como desenvolvida por Débord, permite-nos refletir sobre a natureza das representações de corpo e de sexualidade na contemporaneidade. Para o autor, toda a vida das sociedades, nas quais reinam as modernas condições de produção, apresenta-se como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação (DÉBORD, 1997).

A partir de uma relação intertextual, de uma intericonicidade² (COURTINE, *apud* MILANEZ, 2006) com os contos de fadas, nas propagandas selecionadas para análise há um pressuposto de que existe um conhecimento partilhado e de que a marca já alcançou a devida notoriedade e aceitação do público alvo. A estratégia persuasiva tenta capturar e reter a atenção das consumidoras, usando enunciados do mundo encantado dos contos de fadas, já conhecido pelo público.

2. Os termos propaganda e publicidade, na maioria das vezes, são usados com o mesmo significado. Considerando que este artigo não se trata de um estudo das diferenças entre os dois verbetes, utilizarei os termos como sinônimos.

Considerando a imagem como um operador de memória, é possível observar, no discurso publicitário, como uma imagem que possui traços e memórias de outra imagem produz sentidos sobre o corpo, interferindo no processo de identidade do sujeito-mulher. O discurso publicitário, entendido aqui como um dispositivo de poder e de identidades dos sujeitos na contemporaneidade, é também um acontecimento que nos é dado a ler; uma prática discursiva que se liga a uma memória histórica e coletiva; que enuncia “verdades” sobre quem somos ou deveríamos ser e o que fazer para ter felicidade, saúde, amor, juventude (WITZEL, 2011).

Na ótica de Milanez (2006b), a intericonicidade refere-se ao fato de que as imagens carregam traços e memórias de outras imagens que se estabelecem por meio de repetições portadoras de novos acontecimentos imagéticos. É possível constatar como se dão esses movimentos, a partir da análise dos anúncios publicitários a seguir.

O corpo diante do espelho

O nosso século é caracterizado pelo culto do corpo, detentor da beleza e da saúde, que avança ao longo do tempo, estimulado pelo consumo de produtos destinados a proporcionar aos sujeitos a conquista do bem-estar e da beleza almejada, características que surgem a partir das mudanças conquistadas e disseminadas para o sujeito da pós-modernidade. O significado que o corpo assume na atualidade é de um corpo esteticamente controlado, fabricado e manipulado.

Na sociedade contemporânea, pautada pelo narcisismo, o corpo revela a busca pela perfeição. A imagem do corpo ideal é acompanhada de sucesso, autocontrole, autodisciplina, liberação sexual, competên-

cia. O fracasso em atingir este ideal passa a ser considerado como falta de força de vontade. O sujeito que excede o peso é reprovado por não cuidar de si. Em um mundo comandado pelas regras mercadológicas e no qual vigora a administração individual dos capitais vitais, na maioria das vezes, o lema é: “só é gordo quem quer”. Desse modo, a presença do corpo gordo na mídia é interdita, silenciada.

O discurso midiático é construído acerca do corpo magro, considerado belo e, portanto, aceito na sociedade contemporânea. Essa construção está vinculada a um padrão estético mediado pelos interesses da indústria de consumo. Cada vez mais, a marca identitária fundamenta-se na aparência, nos sinais exteriores e visíveis apresentados por cada sujeito. O corpo torna-se uma imagem a ser exibida; e essa imagem deve ser jovem, magra e, portanto, bela. Tal imagem é apresentada na propaganda 01, referente ao *Diet Shake*, produto indicado para emagrecer e fabricado pela empresa Nutrilatina.

Na Propaganda 01, a memória (re)atualiza a narrativa do conto de fadas “Branca de Neve e os Sete Anões, particularmente, a personagem da Madrasta má, insegura e narcisista, dependente da avaliação do seu Espelho Mágico. Por esse viés, a beleza só existe a partir do olhar do outro, sem isso não tem reconhecimento, não se torna verdade. Para saber se o *Diet Shake* “emagrece de verdade” é preciso perguntar ao espelho, que reflete a imagem do que somos fisicamente.

Ao assumir a posição do olhar externo que nos avalia, o espelho informa a verdade sobre a nossa aparência, Segundo Perrot (2007, p. 49), “a mulher é antes de tudo uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências”. Por isso, o espelho tem um lugar de destaque no universo estético.



Diet Shake é o programa mais avançado de emagrecimento do país e líder absoluto há 17 anos. É a maneira mais deliciosa, prática e rápida de você perder peso e ficar sempre sexy e bonita de verdade. Procure pelo verdadeiro. Qualidade Nutrilatina. Recuse imitações.

Propaganda 1 - *Diet Shake*

Fonte: *Marie Claire* n. 211, outubro 2008

O corpo magro e esguio exibido nessa propaganda sugere que as mulheres que consomem o *Diet Shake* Nutrilatina também podem ficar assim, com uma silhueta bem torneada e “comprova” o que está dito sobre o produto. O enunciado “[...] pergunte para seu espelho” remete, especificamente, a um objeto importante no conto: o Espelho Mágico, que pertencia à Rainha má da história e que, quando questionado, falava apenas a verdade. Dessa forma, a consumidora do *Diet Shake* vai constatar a ação do produto ao ver sua própria imagem refletida no espelho. Assim, procura-se criar uma associação entre o produto consumido e o corpo magro idealizado.

Além de construir uma analogia com a célebre pergunta: “espelho, espelho meu, há no mundo mulher mais bela do que eu? (GRIMM, 2005, p. 33), o enunciado também retoma o personagem Narciso,

que admirava somente a sua própria imagem. Na publicidade do *Diet Shake*, fica evidente a influência do olhar do outro, que ao mesmo tempo em que elogia, pune, mantendo a pessoa em eterna vigília para não engordar, para estar dentro dos padrões estéticos de acordo com as normas sociais de beleza.

É produzido um efeito promessa de que o produto é “mágico”, ou pelo menos cria um efeito de magia diante do espelho. Efeito que vai ao encontro do desejo de ser não apenas bela, mas ter um corpo magro, sem nenhuma gordura, firme e bem definido. Esse mesmo efeito promessa acontece na outra propaganda apresentada a seguir, referente aos modeladores corporais *Esbelt*.

A Propaganda 02 apresenta uma mulher jovem e bonita, que não se olha no espelho, nem lhe faz a célebre pergunta do conto de fadas; ao contrário, já antecipa a resposta/comprovação: “espelho meu, agora a mais bela sou eu”. Nesta propaganda, o corpo inteiro tem visibilidade e é mostrado de maneira sedutora, na medida em que as pernas estão entreabertas, a roupa com um acentuado decote e o olhar é provocante e lânguido. Para realizar o desejo de ser não apenas bela, porém, a mais bela de todas as mulheres, é necessário corrigir não apenas as imperfeições do rosto, mas também modelar, firmar, definir, ajustar todo o corpo.

O efeito promessa do espelho é confirmado ao garantir à consumidora que usa o produto que ela será a mais bela se comparada às outras mulheres. O texto em destaque, inserido no quadro ao lado da propaganda 02, faz alusão à magia do produto quando afirma que ele “modela o busto, mantém o abdômen firme, define a cintura, corrige a postura e ainda alivia certas dores lombares. [...] sinta a magia de *Esbelt*”.

Ao estimular a transformação do corpo como meio para expressar a identidade, o discurso publicitário envolve os sujeitos em uma rede

significante do “poder/querer”, construindo ou reproduzindo imagens identitárias em torno de um mundo de sonhos onde tudo é possível. O enunciado centralizado em destaque na Propaganda 02 exemplifica isso. O uso dos modeladores anunciados transforma o corpo da mulher, dando-lhe o “poder” de ficar mais *Esbelta*, de sentir-se *Esbelt*.

Enfim, o corpo ostenta uma narrativa, ou seja, constitui uma prática discursiva. É um espaço de enunciação das identidades. Nas propagandas analisadas constatamos que a mulher é persuadida a acreditar que a construção de um corpo belo é um conto de fadas tecido nas tramas da rede de memória.

Esbelt modela o busto, mantém o abdômen firme, define a cintura, corrige a postura e ainda alivia certas dores lombares. Sinta-se bem, sinta a magia de *Esbelt*.
Sinta-se *Esbelt*.



The advertisement features a central image of a woman in a red, ornate dress holding a green apple, with the text "Espelho meu, agora a mais bela sou eu." overlaid. The Esbelt logo is in the top right. At the bottom, three women in different styles of bikinis are shown. Text at the bottom left describes the benefits of the underwear, and the bottom right contains the phone number 0800 55 71 33 and the website www.esbelt.com.br.

Esbelt modela o busto, mantém o abdômen firme, define a cintura, corrige a postura e ainda alivia certas dores lombares. Sinta-se bem, sinta a magia de *Esbelt*.
Sinta-se *Esbelt*.
0800 55 71 33
www.esbelt.com.br

Propaganda 2 - Modeladores *Esbelt*
Fonte: *Contigo*, agosto 2006

Arrematando alguns pontos discutidos

Vivemos hoje a revolução do corpo, cujos valores relativos à beleza, à estética, têm orientado um conjunto de comportamentos na sociedade, imprimindo um novo estilo de vida, mais aberto à diversidade por um lado, porém, mais narcísico e hedonista no que diz respeito à experiência do corpo. Os enunciados midiáticos, incluindo a publicidade, tendem a legitimar a escolha do corpo magro, caracterizado como supostamente “ideal”, por ser considerado sinônimo de saúde e felicidade.

Através da exposição repetitiva das imagens de belas mulheres, respondendo ao desejo com o fetiche das mercadorias, o discurso publicitário apela para a dimensão do desejo do sujeito-mulher. As consumidoras, por sua vez, se identificam com essas imagens, “espelho espetacular de suas vidas”.

A partir do discurso fundador do conto de fadas “A Branca de Neve e os Sete Anões”, as propagandas apresentadas transformam o corpo da mulher em um objeto de consumo e produziram um efeito promessa de que os produtos anunciados têm a magia de modelar esse corpo, conforme os padrões estéticos vigentes na atualidade.

Referências

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Supervisão da tradução Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2009.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERNANDES, Cleudemar A.; SANTOS, João B. C. A imagem como enunciado operador de memória. In: ROMÃO, Lucília M. S.; GASPAR, Nádea R. (Orgs.). *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2008, p. 279-286.

FONSECA-SILVA, Maria da C. *Poder-Saber-Ética nos discursos do cuidado de si e da Sexualidade*. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007.

FOUCAULT, Michel. *O uso dos prazeres e as técnicas de si*. In: _____ *Ética, política, sexualidade*. 2ed. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 194-196 (Ditos & Escritos V).

_____. *A arqueologia do saber*. 7ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969], 2005.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 33ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, [1975] 2007.

GRIMM, Jakob. Branca de Neve. In: ESTÉS, C. Pinkola (Org.). *Contos dos Irmãos Grimm*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 33-41.

LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.25, n.2, p.15-48, jul./dez. 2000.

MILANEZ, Nilton. *As aventuras do corpo: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa*. 2006. 210 p. Tese de Doutorado – UNESP, Araraquara, SP.

_____. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006b.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. 2ed. Tradução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 49-56.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

WITZEL, Denise G. *Identidades do feminino: entre princesas, bruxas e lobos no universo publicitário*. 2011. 217p. Tese de Doutorado – UNESP, Araraquara, SP.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 10-24.

Sobre o autor e autoras

Maria Eliza Freitas do Nascimento

é Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da UFPB e professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN



Maria Emmanuele Rodrigues Monteiro

é Mestre em Linguística e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da UFPB.



Regina Baracuh

é Doutora em Linguística e docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB. Atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da UFPB, onde desenvolve pesquisas sobre discurso, mídia e construção de identidades.

José Domingos
é Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da UFPB e Professor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Lúcia Helena Medeiros é Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da UFPB e professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

Tânia Maria Augusto Pereira
é Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da UFPB e professora da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Análise do Discurso pela Marca de Fantasia



**Discurso, poder e subjetivação:
uma discussão foucaultiana**
José Domingos



**Práticas discursivas
contemporâneas: corpo,
memória e subjetividade**
José Domingos et al.

**Do armário ao altar: a
constituição do sujeito
homoafetivo no discurso
midiático**
José Domingos



**Foucault e mídia: entre
pirotécnicas e reflexões**
Francisco Vieira da Silva, José
Domingos, Tânia Maria Augusto
Pereira (orgs.)



<https://www.marcadefantasia.com>